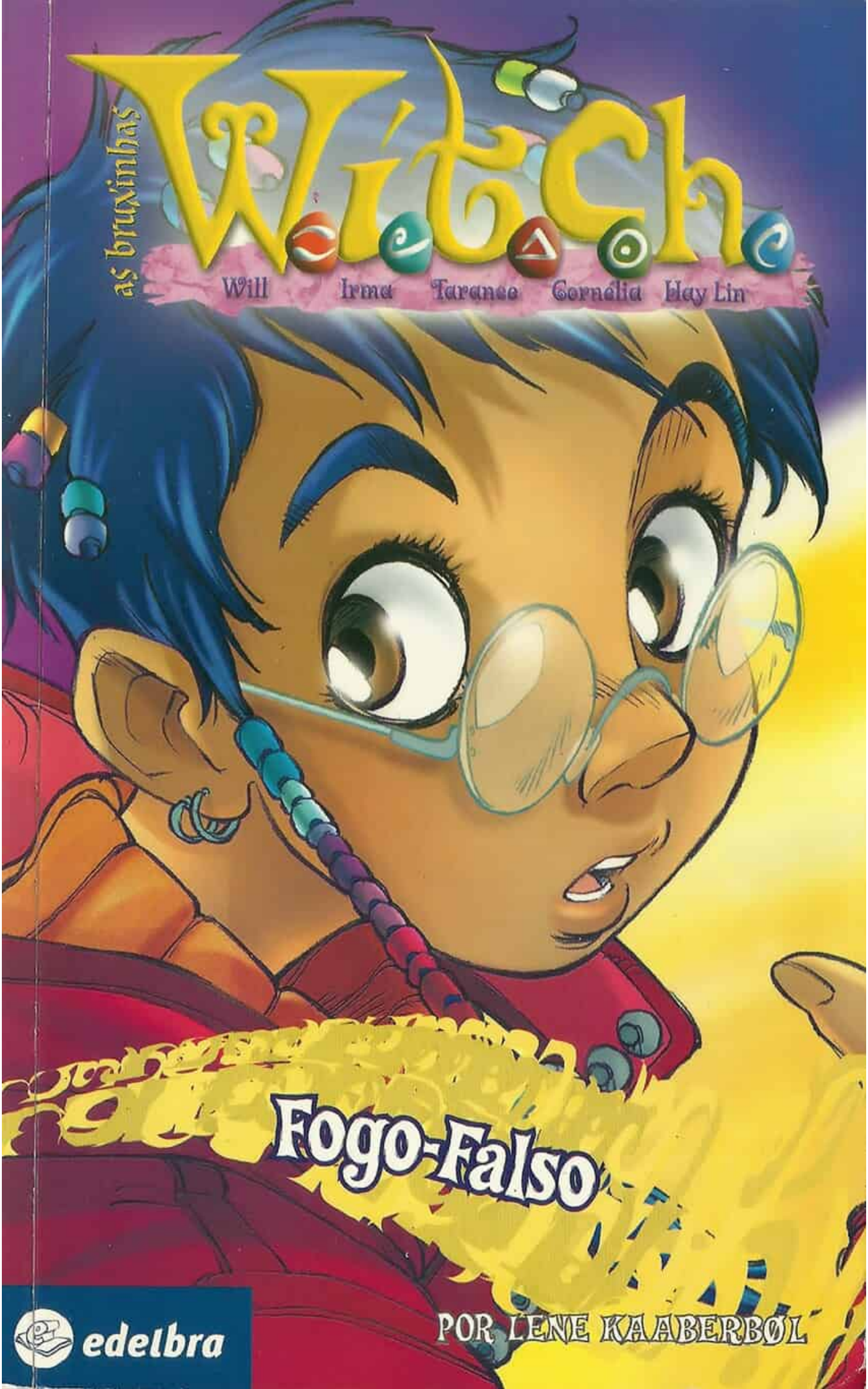

as bruxinhas
W.i.t.c.h
Will Irma Taranee Cornélia Hay Lin
Fogo-Falso
POR LENE KAABERBØL
edelbra

W.i.t.c.h.

Fogo Falso

Lene kaaberbol

Prólogo

Há muito tempo, quando o universo era jovem, espíritos e criaturas viviam sob o mesmo céu. Havia apenas um mundo, um imenso e vasto reino, governado pela forças da natureza. Mas o mal entrou no mundo e encontrou o seu lugar nos corações e mentes dos espíritos e das criaturas, e o mundo despedaçou-se em muitos fragmentos. O reino foi dividido entre aqueles que desejavam a paz e aqueles que viviam para ganhar poder sobre os outros e causar-lhes dor. Para guardar e proteger o que havia de bom nos mundos, a poderosa fortaleza de Kandrakar foi erguida no meio do infinito.

Lá, uma congregação de espíritos e das criaturas mais poderosas mantém vigilância; o principal deles é o Oráculo. Sua sabedoria é muito necessária; às vezes, Kandrakar é tudo o que impede o mal de entrar onde não deveria ter lugar.

Há também o Véu. Uma barreira preciosa entre o bem e o mal, guardada por garotas improváveis.

Irma tem poder sobre a água.

Taranee pode controlar o fogo.

Cornélia tem todos os poderes da terra.

Hay Lin mantém a leveza e a liberdade do ar.

E Will, o Guardião do Coração de Kandrakar, segura um poderoso amuleto no qual todos os elementos da natureza se encontram para se tornarem energia, pura e forte.

Juntas elas são as W.I.T.C.H. - as cinco Guardiãs do Véu. E o universo precisa delas....

Capítulo 01

Eu me lembro muito bem daquela sexta-feira. Durante todo o dia tive dificuldades em me concentrar em qualquer coisa na escola. Eu estava muito animada com meus planos para sexta à noite. Não, eu não teria um encontro romântico! Os Hawks estavam jogando em Heatherfield naquela noite. Era o meu time de basquete favorito do país jogando na minha cidade e eu estava indo assistir!

Enquanto esperava por minha amiga Will fora da escola, pensei em sentar na quadra e assistir ao jogo mais quente da temporada. Os Hawks estavam jogando contra seus rivais, os Silver Bay Giants. Eu esperava que o meu jogador favorito, Seb Caine, estivesse jogando. Ele sofreu uma lesão há algumas semanas, mas eu esperava que ele estivesse bem para o jogo de sexta à noite. Caine era um jogador muito bom.

- Taranee? - Will disse, interrompendo meus pensamentos.- Já está na hora de ir embora!

Olhei para a bicicleta que estava segurando. A bicicleta era vermelha brilhante. Era a bicicleta de Will.

Will me lançou um olhar estranho.

- Taranee, você está se sentindo bem?

- Claro - eu disse e entreguei a bicicleta a Will. Então subi na minha bicicleta, pronto para voltar para casa.

- Você parece meio fora de si - disse Will. - E Hay Lin disse que você errou um problema de matemática na aula. Nunca vi você passar uma resposta errada na aula, especialmente matemática. - Parece que você está com a cabeça *em outro mundo.*

Como Guardiãs do Véu, nós estamos acostumadas a estar em outros mundos. Juntas, nós formamos as W.I.T.C.H. uma sigla feita com as iniciais de cada uma, Will é o W, eu sou o T. Junto com nossas amigas Irma, Cornelia e Hay Lin, viajamos à mundos diferentes para lutar contra malfeitores e outras pessoas que trabalham contra o bom poder de kandrakar. Will estava certa: eu estava em outro mundo naquele momento. Mas era o mundo do basquete, onde o único malfeitor era o atacante do time adversário.

- Os Hawks vão jogar na cidade esta noite - eu disse a ela.

- Oh - disse Will, num tom de absoluta compreensão. Ela me conhece muito bem. Além de ser uma colega Guardiã, ela também é minha melhor amiga.

- Você vai ao jogo? - ela perguntou.

Balancei a cabeça com entusiasmo.

- Peter comprou ingressos realmente ótimos para nós dois.

- Que bom irmão você tem - Will gritou atrás de mim quando começamos a pedalar para longe da escola.

- Sim - eu respondi para ela. - Peter é o melhor.

Porém, quando cheguei em casa não havia nenhum irmão mais velho esperando por mim. A única coisa que me cumprimentou foi a secretária eletrônica.

"Ei, Taranee. Desculpe, ainda não cheguei. Você poderia me ligar de volta, por favor? Houve um pequeno imprevisto. Não se preocupe, ainda faremos o jogo, mas me ligue, ok? Vou deixar meu celular ligado."

Senti uma pequena vibração de desconforto. Algo aconteceu. Eu estava disposta a apostar meu ingresso no Hawks que esse imprevisto era Suzanne, a beleza de uma supermodelo. Eu deveria tê-la odiado, só que ela também era superlegal. E inteligente. Talvez eu a odiasse de qualquer maneira. Ninguém deveria ter tudo isso e meu irmão mais velho também.

Peguei o telefone e liguei para Peter.

- Oi, Peter - eu disse quando ouvi sua voz. Comecei a brincar com as miçangas do meu cabelo.

- Oh, oi, Taranee. Desculpe por isso, mas... bem, eu

prometi que levaria a Suzanne para a casa do pai dela, então poderíamos nos encontrar fora do jogo? Pegue o ônibus, eu te pagarei quando te ver. OK?"

- Eu acho que sim. - eu disse. Não fiquei feliz com a de pegar um ônibus, mas pelo menos ele não cancelou nossa noite de jogo. Isso seria pior.

- Taranee - disse ele. - Eu realmente sinto muito.

Ele parecia arrependido. Suspirei.

- Sim. Só não se atrase. Quero ver o aquecimento dos Hawks.

- Totalmente! - Peter disse. - Você é o melhor. Até breve.

- Sim. - eu disse com outro suspiro quando ele encerrou a ligação.

Coloquei a minha jaqueta verde e amarela dos Hawks, o meu cachecol verde e amarelo dos Hawks, meu boné verde e amarelo dos Hawks e minhas botas com cadarços verdes e amarelos. Até mudei as contas do meu cabelo para as cores do Hawks. Eu parecia um fã sério!

Peguei o ônibus para o Dome, casa dos Heatherfield Hawks. E eu esperei. E esperei. E esperei.

🔥🔥🔥

No começo, eu não estava realmente brava. Peter geralmente não se atrasa, e nunca realmente se atrasa. As pessoas passavam pelos portões, algumas usando bonés verdes e amarelos, outras ostentando o azul celeste e cinza dos Silver Bay Giants.

Gradualmente, a multidãose reduziu a um pequeno grupo. Então éramos apenas eu e o porteiro, e só para deixar o meu humor ainda mais sombrio, a chuva começou a cair. De dentro, pude ouvir o barulho abafado da multidão e o barulho dos alto-falantes enquanto os nomes dos jogadores eram anunciados. Estava sentindo falta do aquecimento. Naquele momento, eu estava furiosa. Eu não ficaria surpresa se meus óculos tivessem ficado embaçados por causa da minha raiva acalorada!

- Você vem, senhorita? - perguntou o porteiro.

Eu olhei em volta. Peter ainda não tinha aparecido.

- Eu tenho uma passagem - eu disse desesperadamente. - Mas meu irmão está muito atrasado. Você acha que eu poderia... eu poderia... - Parei de falar.

- Suponho que seu irmão tenha os ingressos? - ele disse.

Balancei a cabeça em silêncio, olhando para os meus pés.

- Desculpe - disse ele. - Se você não tem ingresso, não pode entrar.

E então ele fechou o portão e trancou-o.

Na verdade, não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser ficar ali ficando mais molhada. Esse é um problema em ter poder sobre o fogo. A minha magia tende a ser espetacular. Eu poderia ter incendiado o lugar em segundos. Espetacular, como eu disse. Mas não é muito prático para esta situação.

No intervalo, eu já estava do lado de fora do Dome há mais de uma hora. Eu provavelmente deveria fui embora, mas eu tinha fé que Peter apareceria. Minha jaqueta Hawks estava encharcada e meus novos cadarços começaram a deixar manchas verdes nas partes de lona branca dos meus sapatos. Os meus óculos escorregavam pelo nariz e minhas tranças grudavam na lateral da minha cabeça. De dentro do Dome, pude ouvir os aplausos da multidão. Enquanto isso, eu estava lá fora, me molhando e provavelmente pegando um resfriado.

Finalmente, desisti e comecei a caminhar em direção ao ponto de ônibus, lutando contra as lágrimas.

No caminho para o ponto de ônibus, um carro parou na curva. Foi Pedro.

- Taranee! - ele chamou da janela. - Eu realmente, realmente sinto muito.

Eu não disse nada. Eu apenas continuei andando.

- Olha, o carro quebrou - disse ele. - Eu não pude

evitar.

O carro dele parecia bom para mim. Ele provavelmente teve mais dificuldade em tentar se afastar de Suzanne, a supermodelo.

Peter saltou do carro e ficou na minha frente. Eu tive que parar ou tentar empurrá-lo para fora do caminho. Considerando que ele era muito maior e mais forte, parar era a melhor opção.

- Vou conseguir ingressos para a próxima semana, prometo! - ele gritou.

- É um jogo fora de casa - respondi.

- Ainda iremos - disse ele. - Faremos uma viagem especial. Sairemos para jantar. Tudo bem.

Esfreguei a chuva do meu rosto.

- E se o carro quebrar... de novo? Parece não ser confiável - respondi. - Assim como algumas pessoas que conheço.

- Eu disse que sentia muito! - Peter gritou. - Meu celular ficou mudo, então não pude ligar para você. Sinto muito, muito mesmo.

- Bem, vá se desculpar em outro lugar - eu disse. - Eu não quero falar com você. - Passei por ele e continuei em direção ao ponto de ônibus.

- Não seja boba, Taranee. Você está encharcada. Entre no carro!

- Esse mesmo que quebrou? Não, obrigada. Estou

esperando o ônibus bom e confiável. - Orei para que o ônibus parasse naquele momento, para que eu não tivesse que continuar discutindo com Peter.

- Taranee, essas coisas acontecem - disse ele. Ele estava falando mais suavemente. - Sinto muito que tenha sido hoje à noite, e sei que você está chateado. Acho que eu também ficaria. Mas você poderia deixar de ser um bebê e entrar no carro? Nós dois estamos nos molhando.

- *Eu estou agindo como um bebê?* - Eu gritei. Senti minha raiva subir. - Eu estou agindo como um bebê? Bem, pelo menos tenho idade suficiente para chegar na hora certa para as coisas. Pelo menos sou velha o suficiente para considerar os sentimentos das outras pessoas e assumir responsabilidades. Pelo menos eu não saí com a estúpida da Suzanne quando fiz uma promessa para minha irmã!

- Suzanne não tem nada a ver... - Peter começou a dizer.

- Ah, por favor - interrompi. - Quão estúpido você acha que eu sou? Vá embora. Não quero mais ver você de novo!

Só então a chuva parou. E por um momento, senti o mundo tremer. Quando as palavras iradas saíram da minha boca, olhei para Peter, horrorizado.

Os guardiões nunca deveriam dizer tais coisas. Especialmente não com raiva.

Certa vez, Irma transformou um menino quando ele agia como um sapo de verdade em um encontro. Ela acabou transformando-o em um sapo de verdade!

O que acabei de dizer a Peter foi muito pior do que o que Irma fez. Por que ninguém me parou? Nós sabíamos que era perigoso desejar o mal de alguém. Eu já havia dito a Irma para ter cuidado um milhão de vezes. No entanto, aqui estava eu, dizendo ao meu próprio irmão que nunca mais queria vê-lo.

Olhei para Peter. Ele já estava começando a desaparecer? Ele estava ficando um pouquinho embaçado nas bordas? Não, ele ainda estava lá, sólido como sempre. Mas *doeu*. Eu podia ver isso em seus olhos.

- Entra no carro - disse ele.

- Peter, eu não quis dizer.. - tentei explicar.

- Então você não deveria ter dito isso - ele retrucou. Ele se virou e entrou no carro.

Ele estava certo, mesmo que não soubesse exatamente até que ponto estava certo. Entrei e dirigimos em silêncio por alguns quarteirões. Então Peter estendeu a mão e deu um soco suave em meu ombro.

- Ei, senhorita esquentada - disse ele. Ele sempre me chamava assim quando eu perdia a paciência. - Não fique tão triste. Não é o fim do mundo.

- Peter, me desculpe... - eu disse.
- Sim, bem, eu também. - Peter sussurrou..

O silêncio ficou muito menos constrangedor depois disso, mas ainda me sentia terrivelmente culpada e desconfortável.

Naquela noite, tive um sonho. Eu estava girando. lentamente no início, depois cada vez mais rápido, como se eu estivesse preso em um redemoinho enorme, mas invisível. As correntes invisíveis estavam me puxando, me atraindo, e no centro do redemoinho algo se escondia. Algo que estava ali há muito tempo, ouvindo e esperando. Acordei tremendo.

Saí da cama e fui ver Peter. Ele estava em seu quarto ouvindo música. Nada fora do comum. Mas eu não conseguia afastar a sensação de que, quando disse aquelas palavras a Peter, alguém estava ouvindo...

Capítulo 2

- Como foi o jogo? - perguntou Will no sábado de manhã enquanto estacionávamos nossas bicicletas em frente ao Silver Dragon. Era um dia ensolarado, muito diferente da chuva e da escuridão da noite anterior.

- Tudo bem - eu murmurei. Eu realmente não queria falar sobre o que tinha acontecido. Eu ainda não tinha falado com o Peter; o sonho havia me deixado muito tonta e estranha. Quando finalmente saí da cama, Peter já tinha saído para praticar windsurf. Eu podia imaginá-lo voando pelas ondas em sua prancha, amando o vento e a velocidade.

Por bque não acreditei nele quando ele disse que o carro havia quebrado? Ele nunca mentiu para mim, não sobre coisas importantes. Se eu tivesse acreditado nele, não teria ficado tão furiosa. E se eu não estivesse tão furiosa, não teria dito as coisas horríveis que disse.

- Tudo bem? - Will parecia cético. - Isso é tudo que recebo? Nenhum relato detalhado das façanhas do grande qual é o nome dele... *Seb Cream*?

- Caine - eu disse, corrigindo Will.

- Sim, ele - Will concordou. - Você geralmente fica horas. Afinal, ele não jogou?

- Sim. - Eu tinha visto balguns dos destaques do relatório esportivo da manhã.

- Então? - Will me incentivou a continuar.

- Então, nada - eu disse. Olhei em volta, tentando mudar de assunto. - Ei, não é Cornélia? - Apontei para uma figura caminhando em nossa direção.

Era Cornelia, aparecendo bem a tempo de me salvar do interrogatório de Will. E eu precisava ser salva. Will é como um cachorro com um osso quando tem algo em mente.

- Olha o que encontrei - disse Cornelia, agitando um grande livro da biblioteca. - *Mistérios Mágicos*, de Samuel Goodwise. Tem doze páginas inteiras sobre vidência.

Esse foi o nosso projeto para o fim de semana. No que diz respeito aos Guardiões, éramos muito jovens e, embora tivéssemos percorrido um longo caminho, ainda estávamos tentando aprender mais sobre o que poderíamos fazer. Nossa magia não é realmente como o tipo de magia que você lê nos livros, mas descobrimos que ainda poderíamos ter algumas ideias explorando na biblioteca. E tínhamos tentado olhar sobre "vidência" no dicionário, mas dizia apenas "*prever* o

futuro por meio de uma bola de cristal", o que soava como um ato bobo em um parque de diversões. Mas, de acordo com Samuel Goodwise, era "*usar a visão para procurar aquilo que está oculto pelo tempo, pela distância ou pelas artimanhas dos humanos*". Dito assim, parecia uma coisa útil de aprender.

Nós cinco - Will, Irma, eu, Cornelia e Hay Lin - subimos para o quarto de Hay Lin no apartamento dela acima do Silver Dragon, o restaurante que sua família administra. Irma estava agachada sobre uma assadeira preta cheia de água. Cornelia olhou com curiosidade para uma pilha de adubo para vasos e Hay Lin estava com a cabeça para fora da janela, tentando ouvir o vento. Will simplesmente nos observou com o livro aberto no colo. Sua magia costuma ser a mais difícil de descobrir, porque contém um pouco de tudo: ar, terra, água e fogo.

- Eu não acho que isso esteja funcionando - disse Cornelia, cutucando a terra com um dedo. - Tudo o que posso dizer é que seria ótima para plantar flores, como peônias.

- E tudo que consigo ver sou eu mesma - disse Irma. - "*Espelho, espelho na parede, quem é a mais fofa de todas?*" Só que esse espelho não está realmente na parede.

- Diz aqui que a vidência exige muita habilidade,

paciência e capacidade de concentração - disse Cornelia, lendo por cima do ombro de Will. - E aquelas vaidosas garotas de treze anos verificando se há espinhas dificilmente conseguem.

- Você está inventando isso! - exclamou Irma.

- Só a última parte - disse Cornelia com um sorriso.

Uma fina espiral de água subiu da bacia de Irma, saltou no ar e atirou-se com grande precisão no nariz de Cornélia.

Cornélia se abaixou.

- Cuidado com o livro! - ela sibilou. - A senhorita Pear ficará furiosa! - Srta. Pear era a bibliotecária do Instituto Sheffield, onde todas nós estudamos.

- É verdade - suspirou Irma, e deixou a água baixar. - Mas já estou sendo paciente há dez minutos inteiros, e essa coisa de vidência ainda não está funcionando.

- Talvez precisemos ser mais... específicas - eu disse, pensando nisso. - Faça uma pergunta e então concentre-se realmente.

- Tipo, perguntar sobre o clima? - Hay Lin deixou-se deslizar pelo parapeito da janela.

- Talvez - eu disse. - Não sei.

- Que tipo de pergunta? - perguntou Will.

- Bem - eu disse - se vou fazer uma pergunta de

fogo, é melhor que seja algo que o fogo conheça.

- Huummm - disse Irma sonhadoramente. - Vou perguntar à água como é a aparência de Matt Olsen quando vai nadar com os meninos... e aposto que Will também gostaria de dar uma olhada.

- Irma! - Will estava corando furiosamente. Ela tem uma grande queda por Matt, mas tenta esconder isso. Mesmo assim, é fácil perceber: ela cora e bate nos batentes das portas toda vez que ele passa por ela no corredor da escola!

Eu sabia o que realmente queria perguntar, mas não tinha certeza se o fogo poderia responder à minha pergunta. Mesmo assim, fechei os olhos e pensei na noite anterior. Quando disse aquelas coisas horríveis a Peter, quem ou o *que* me ouviu?

Por um tempo, nada aconteceu. Eu estava prestes a desistir quando senti... uma pontada. O fogo fazia parte disso, mas não era fogo, na verdade, mas alguma outra coisa, algo diferente e distorcido. E então foi como se estivesse de volta ao meu sonho, girando, girando, sendo atraído. Só que desta vez houve uma voz: *Venha. Venha até mim.*

Eu não queria participar daquele turbilhão doentio e não queria nada a ver com aquela voz fria e faminta. Lutei para me libertar disso, lutei para voltar. Com um estalo que soou alto dentro da minha cabeça, mas

provavelmente não tinha som para minhas amigas, o redemoinho invisível me soltou e a voz foi embora. De repente, apareceu a luz do sol e eu estava de volta ao quarto de Hay Lin.

- Alguém conseguiu ver alguma coisa? - Will perguntou, olhando para cada um de nós.

Irma sorriu.

- Bem, descobri que Cornelia nunca pega as toalhas do chão depois de tomar banho.

Cornélia engasgou.

- Você me espionou!

O sorriso de Irma ficou ainda maior.

- Na verdade, isso foi apenas um palpite de sorte. Mas eu encontrei um anel que minha mãe perdeu na semana passada. Agora, como vamos recuperá-lo é outra questão. Ele está preso no ralo do banheiro.

- Alguém mais? - Will perguntou.

Cornelia balançou a cabeça, ainda parecendo irritada. Hay Lin mordeu o lábio, meio cética em relação a todo o exercício.

- Não tenho certeza - disse ela. - Não está muito claro.

- Tente novamente, então - sugeriu Will.

Levantei-me abruptamente.

- Eu não - eu disse. - Você tenta se quiser, mas já estou farto por um dia.

- Taranee - disse Will, olhando para mim mais de perto. - Você está bem? Você parece... bem, você não parece bem.

Eu não me sentia bem. Eu me senti enjoada. E assustada. E gelada até os ossos. Mas eu não sabia dizer exatamente por quê.

- Estou bem - murmurei.

- Chega de trabalho - disse Irma decididamente, colocando o braço em volta de mim. - O que essa garota precisa é de um bom lanche e algumas risadas. Alguém conhece uma boa piada?

🔥🔥🔥

Um pouco de comida e algumas histórias bobas de Irma aliviaram a tensão em meu estômago. Os pais de Hay Lin nos deixaram almoçar em uma mesa do restaurante. Mas quando estava dando a última mordida com meus pauzinhos, vi meu pai passar pela porta do Dragão de Prata. A expressão em seu rosto me deixou mal do estômago novamente.

- Taranee - ele disse em um tom muito sério. - Peter está... bem, ele não voltou esta manhã da praia com os outros. Ele provavelmente nos ligará em breve de... de alguma outra parte da praia, mas... sua mãe e eu achamos que você deveria voltar para casa agora.

Olhei para meus amigos em pânico. Então rapidamente juntei minhas coisas para seguir meu pai até em casa.

Capítulo 3

Foi horrível. Eu me senti tão mal que mal conseguia pensar. Ouvi a minha mãe conversando com uma fila interminável de pessoas uniformizadas. A sua voz era mais afiada que o aço, e ela os seguiu, fazendo pergunta após pergunta. Minha mãe é juíza, então ela está acostumada a lidar com a polícia, mas seu medo em relação a Peter a tornou completamente implacável.

Três palavras soavam em meus ouvidos como o eco de um enorme gongo: *perdido no mar.*

Os amigos diziam: "*Ele é um nadador muito forte.*" A família disse: "*Talvez não haja telefone no local onde ele desembarcou.*" Supus que Peter poderia estar em uma lanchonete em algum lugar, completamente inconsciente de que estávamos preocupados. Eu queria acreditar nisso. Mas a sensação de mal-estar no estômago não cessava.

- A Guarda Costeira está procurando - um policial disse. - Eles são muito bons no que fazem.

- Eles têm um helicóptero ligado - disse outro.

- Sem dúvida eles o encontrarão em breve.

Ninguém disse que ele se afogou. Ninguém disse perdido. E ninguém disse: *É tudo culpa sua, Taranee.*

Mas era. Eu simplesmente sabia disso. Meu desejo ruim se tornou realidade.

🔥🔥🔥

Eu saí de casa o mais silenciosamente que pude. Minhas amigas ainda estariam na casa de Hay Lin e eu precisava da ajuda delas. Isso não era algo que eu pudesse fazer sozinha. Eu havia deixado um bilhete para meus pais - "*Fui procurar Peter*", dizia - porque não achava que eles me deixariam sair sem uma boa desculpa. Eu realmente esperava que eu e Peter voltassemos antes que encontrassem o bilhete. Eu não podia arriscar que os pais de Hay Lin me vissem e ligassem para eles, então fiquei na rua, em frente ao restaurante. Outra vantagem de ser uma Guardiã é que tenho poderes telepáticos. Eu só tive que olhar para a janela de Hay Lin e pensar muito que queria que um deles me visse. Will abriu a janela e me viu quase instantaneamente.

Já estamos descendo, ela disse telepaticamente.

- Eles o encontraram? - perguntou Hay Lin, saindo pela porta dos fundos do Dragão de Prata alguns momentos depois.

Eu balancei minha cabeça. Todas ficaram ali, parecendo estranhas. Suponho que eu também teria feito isso se estivesse no lugar delas. Finalmente, Irma colocou o braço em volta de mim.

- Foi tudo culpa minha - eu disse.

- Não seja bobo - disse Cornélia. - Como isso poderia ser?

Eu disse a elas exatamente como isso poderia ser minha culpa.

Todas pareciam abaladas.

- Mas eu digo coisas horríveis o tempo todo - disse Irma. - Especialmente para o meu irmão mais novo. Como posso evitar isso? Como alguém pode evitar isso, se tem um irmão chato?

- Talvez não seja por causa do que você disse - disse Cornelia. - Talvez seja apenas uma coincidência.

Eu balancei minha cabeça.

- É por causa do que eu disse. Eu sei disso. Vocês tem que me ajudar. Temos que encontrá-lo.

- Não sei - disse Cornélia. - Quero dizer, a coisa da vidência não estava indo muito bem. Talvez não seja algo que possamos fazer.

- Claro que é - disse Will. Então ela se virou para mim. - Não há dúvida. Temos que fazer algo para ajudar o Peter.

Dei a Will um sorriso agradecido.

- Irma - Will disse - você era melhor do que qualquer uma de nós em vidência. O que devemos fazer?

- Hmmm - ela disse pensativamente. - Vou precisar de mais água. E sei exatamente para onde ir!

. 🔥🔥🔥

Irma nos levou a um lugar com um jardim enorme que ela disse ter um lago. A cerca ao redor do jardim parecia muito hostil, claramente destinada a manter os visitantes afastados. Os pontiagudos pontos pretos no topo se projetavam em direção ao céu como lanças.

- Temos que entrar lá? - perguntou Hay Lin, olhando para a selva infestada de hera além da cerca. - Provavelmente está cheio de insetos, aranhas e coisas assim.

- Não poderíamos simplesmente usar a piscina da minha casa? - disse Cornélia. - É muito mais limpo.

- É clorada - disse Irma, como se isso explicasse tudo. - E a peste da sua irmã mais nova nos interrompia a cada cinco minutos. Além disso, nenhuma Guardiã de quem eu já ouvi falar apareceu na piscina de um condomínio. Precisamos de um pouco de atmosfera. Aqui, me ajuda.

- Ouvi dizer que o homem que mora aqui é meio

estranho - disse Hay Lin, olhando para a cerca.

- Quem? O Sr. Buckingham? - Irma perguntou. - Acho que é apenas um boato. Mas ele tem alguns cachorros grandes.

- Cachorros grandes? - Eu disse, ouvindo minha voz ficar fraca.

- Alguns Dobermans - explicou Irma. - Mas tenho certeza que eles não vão nos incomodar. Vamos fazer isso enquanto ainda temos tempo.

Não era o que eu queria. Eu não gostava de aranhas e não tinha o hábito de invadir os jardins dos outros. Eu também não gostava muito de cachorros, especialmente quando eram grandes, morenos e ferozes. Mas eu queria meu irmão de volta. Então, se isso fosse necessário, então...

Subi a cerca.

🔥🔥🔥

O laguinho de que Irma estava falando parecia mais um grande lago. No meio havia uma ilha repleta de enormes arbustos escuros de rododendros[1].

- Aqui é o melhor lugar - sussurrou Irma.

- Por que você está sussurrando? - sussurrou Cornélia. - Eu pensei que você disse que ele era surdo?

---

[1] ***Rododendro: um tipo de arbusto originário do Japão, conhecido por suas flores de tom púrpura.***

- Ele é - disse Irma, sem levantar a voz.

Atravessamos uma pequena ponte de pedra em estilo japonês que levava à ilha. Grande parte do lago estava obstruída por ervas daninhas e folhas caídas, mas ali, à sombra densa do rododendro, a água era negra e imóvel. Pude entender o que Irma queria dizer com atmosfera. Este lugar certamente tinha bastante – a qualquer momento, um bando de morcegos provavelmente sairia voando da boca de alguma caverna escondida.

- Tudo bem - disse Irma, de frente para a água. - Vamos ver o que podemos fazer agora que estamos aqui.

Ela fechou os olhos por um momento, concentrando-se. A seus pés, a água começou a girar em padrões estranhos, e depois parou abruptamente. Todas nós olhamos para a superfície. Houve um vislumbre do céu, não o cinza acima de nós, mas um céu mais azul, cheio de gaivotas. Então a imagem desapareceu e só restava mais uma vez água parada e negra.

Todos nós olhamos para Irma. Ela balançou a cabeça.

- Ele estava na água - disse Irma - mas não está agora. Ele foi além da água.

Isso significava em terra? Eu esperava que sim. Mas onde?

- Deixe-me tentar - disse Hay Lin.

Ela ergueu as mãos e, de repente, um vento forte e frio passou sobre nós, um vento com cheiro de mar, e um jato de água, fino como névoa. Por um momento pude ouvir ondas e gaivotas gritando.

- Ele estava no vento - disse Hay Lin, e hesitou. - Eu sei que isso parece assustador, mas ele também foi além do ar.

Além do ar? *Como você poderia ir além do ar?*

- Vou tentar - disse Cornélia.

- Por favor - eu disse. - Talvez ele esteja... no subsolo, em uma caverna ou algo assim, e é por isso que a água e o ar não conseguem alcançá-lo.

Quando se trata de tentar algo novo e estranho, Cornélia costuma ser cética. Mas quando ela viu minhas lágrimas, seu rosto se suavizou.

Ela se ajoelhou e colocou a mão no solo escuro e argiloso.

A ilha tremeu. As folhas escuras e brilhantes do rododendro tremeram e um casal de pombos assustados decolou e voou para longe. Cornélia ergueu a mão e o chão parou de tremer.

Eu olhei para ela. Todas nós fizemos.

- Bem? - Eu finalmente disse.

Ela apenas balançou a cabeça, o queixo tenso.

O caroço na boca do estômago cresceu.

- Você vai me dizer que ele estava na terra, mas foi além dela - eu finalmente sussurrei.

- Eu não digo coisas assim - ela murmurou. Mas foi o que ela viu.

Sentei-me abruptamente na beira da ponte.

- Taranee... - Will disse gentilmente.

Olhei para ela, ou tentei. Meus óculos estavam embaçados e tudo estava embaçado.

- Eu... não tenho certeza se sou bom nisso, mas tentei fazer uma pergunta também. Eu perguntei se o Peter estava além da vida, e não acho que ele esteja.

- Como ele pode estar vivo e ainda estar além... - Não consegui terminar a frase.

- Eu não sei - disse Will. - Mas se todos perguntarmos ao mesmo tempo, talvez possamos descobrir onde para começar a procurar. - Ela chamou o Coração de kandrakar.

O Coração está sempre com a Will, mas nem sempre visível. Geralmente, ele aparece como um cristal transparente e redondo preso por um fecho de metal prateado. Mas naquele momento o cristal já havia começado a vazar luz, um brilho verde, um brilho azul e depois um brilho rosa quente. O cristal não é apenas o Coração de kandrakar, é o coração de todos nós. E ver, sentir, me fez... diferente.

Sempre adorei a história da Fênix, o pássaro dourado que renasce no fogo e ressurge das próprias cinzas. Foi assim que o Coração me fez sentir: como se estivesse recebendo uma nova vida e um novo fogo. A desesperança desapareceu de mim como flocos de cinzas levados pelo vento.

Uma por uma, o Coração nos atraiu, até que todos o apertamos, cinco mãos, uma em cima da outra.

- Pensem bem - disse Will. - E então, façam esta pergunta: *Para onde foi Peter*?

Foi a pergunta perfeita. E quando todos pensamos juntos sobre a questão, isso tornou nosso poder muito mais forte. O que fazemos juntos é sempre muito mais forte do que o que fazemos separados.

A terra se movia, como um animal enorme ondulando a pele das costas. Os ventos giravam ao nosso redor, levantando folhas, terra e água do lago, de modo que nos sentíamos como se estivéssemos diante dos olhos de alguém.

Era um pequeno furacão. Ao nosso redor, a água subia como uma enorme parede verde escura. Dentro da parede, uma imagem se formava.

- O vento moldou este lugar - disse Hay Lin.
- E a água - disse Irma.
- E a Terra - disse Cornélia.

Eu não disse nada. Mais uma vez, senti aquela sugestão de fogo que não era... não era exatamente fogo.

A imagem estava nítida agora, tão nítida como se estivéssemos olhando para uma tela de projeção de cinema. Havia uma ilha, não muito grande, e quase toda rochosa. De uma base estreita esculpida pelo vento e pelas ondas, erguiam-se duas corcovas, com uma fenda irregular no meio, fazendo a rocha parecer um coração rachado. Gaivotas circulavam, aproveitando a brisa. Atrás da rocha, o sol começou a se pôr lentamente.

- Alguém conhece esse lugar? - perguntou Will.

Hay Lin assentiu.

- Fica perto de Pleasance. Perto da costa. Eu me lembro porque... bem, depois de ver, você não esquece.

Will suspirou e abriu a mão, liberando o cristal. O vento diminuiu; a terra parou; a água voltou perfeitamente para o lago e meu fogo se apagou.

- Tem nome? ela perguntou.

Hay Lin encolheu os ombros.

- Você também não se esqueceria disso - disse ela. - Chama-se *Ilha Heartbreak*, A Ilha do Desgosto.[2]

---

[2] ***Heartbreak Island: é o nome original em inglês. "Ilha do Desgosto" é nome oficial na tradução da editora Edelbra. .***

Capítulo 4

Pleasance não ficava muito longe de Heatherfield, então rapidamente pegamos um ônibus para lá. Assim que chegamos à cidade, juntamos nosso dinheiro e alugamos um barco para irmos até a Ilha do Desgosto. O barco era minúsculo, mas com uma de nós controlando o ar e outra sobre a água, isso pouco importava. Hay Lin e Irma fizeram sua mágica. Imediatamente, a vela de náilon inchou e, com as ondas nos empurrando ao comando de Irma, foi como andar em uma lancha.

Nuvens pesadas e escuras pairavam acima de nós, tornando o mar quase preto. Estava frio lá fora e eu estremeci, desejando ter trazido um suéter.

- Aí está - disse Hay Lin, apontando.

E lá estava a Ilha do Desgosto. A ilha parecia negra contra o pôr do sol, um rochedo protuberante que se projetava da água.

- Parece... fora de lugar, de alguma forma - eu disse, hesitante. - Como se nem devesse estar aqui.

- Trezentos anos atrás, não estava. - disse Hay Lin. - Um dia, alguns séculos atrás, um pescador quase bateu com o seu barco em uma ilha que nunca tinha estado lá antes. Os cientistas dizem que foi atividade vulcânica, mas as pessoas em Pleasance têm muitas histórias sobre este lugar.

- Existe uma praia em algum lugar? — perguntou Irma, observando a forma como as ondas quebravam nas rochas.

- Talvez a Cornelia possa nos criar um - disse Hay Lin.

Cornélia não respondeu. Ela estava ocupada agarrando-se à lateral do barco. Sendo uma garota da terra, ela preferia estar em terra a estar na água.

- Vamos dar a volta na ilha - eu disse - e dar uma olhada.

Meus olhos já estavam percorrendo as rochas, procurando. Havia alguma coisa, algum sinal, de que Peter estava aqui ou já esteve aqui? Talvez a Cornélia estivesse certa. Talvez não fôssemos realmente boas em vidência.

- Há uma praia - disse Hay Lin, apontando. - É para lá que queremos ir?

- Vamos entrar - eu disse. - Acho que vejo alguma coisa...

Irma acalmou as ondas que rebentavam e Hay Lin virou o vento para guiar o barco por entre os contrafortes rochosos. De repente, Comelia soltou um grito.

- Recife! - ela gritou. - Atenção!
- Onde? - Hay Lin perguntou.
- Abaixo de nós! - Cornélia gritou. - Levante o barco! *Irma, levante o barco!*

Eu também pude ver algo escuro e pontiagudo na água abaixo de nós. Irma gesticulou freneticamente, e o barco subiu como uma rolha balançando nas costas de uma onda enorme e repentina. Houve um som de raspagem quando o recife atingiu o casco, e então disparamos pela abertura estreita, rápido demais. O barco deu um solavanco, balançou e tombou de lado. Todas nós saímos e então eu estava espirrando água e chorando, caindo e tossindo porque tinha engasgado com a boca cheia de água.

Não quero me afogar, pensei. Então percebi que não iria. Não em água com apenas trinta centímetros de profundidade...

Levantei-me com cuidado, reorganizando meus óculos. Os outros também estavam de pé, abalados, mas ilesos. Até o barco não estava danificado, exceto por alguns arranhões no casco de fibra de vidro, como se um gato muito grande o tivesse arranhado.

Entrei na praia, em direção à forma que tinha visto, deitada na água. Ela brilhou com a luz do crepúsculo que se aproxima, com listras azuis e amarelas ao longo de sua extensão. Era a prancha de windsurf de Peter. Ou melhor, o que havia sobrado dela.

🔥🔥🔥

Procuramos por Peter na ilha, escalando toda a volta dela, passando por pedras caídas e subindo encostas rochosas escorregadias. Gritamos o nome de Peter até nossas vozes ficarem roucas. Por fim, voltamos para a praia, molhados, com frio e exaustas, sem encontrar absolutamente nada.

- Está muito escuro agora - disse Hay Lin. - Poderíamos passar direto por ele e nunca mais vê-lo. E com todos os penhascos e rachaduras no chão por aqui, podemos acabar quebrando um tornozelo. Ou pior.

Eu podia ouvir seus dentes batendo.

- Vamos acender uma fogueira - eu disse. - Não há razão para congelar.

Não havia muito com que acender uma fogueira. Não havia árvores na ilha, apenas pedras e ervas daninhas. Mas provocar incêndios do nada era algo que eu

poderia fazer. Reunimos uma pilha de ervas daninhas e pedras e invoquei minha magia para acendê-la.

Talvez ainda estejamos cansados e com fome, pensei. *Mas pelo menos eu cuidaria para que estivéssemos aquecidos.*

Cornélia tinha uma barra de chocolate no bolso da jaqueta. Estava um pouco molhado, é claro, e só havia um pequeno quadrado para cada de nós, mas foi muito melhor do que nada.

- Obrigada - eu disse, pegando um pequeno quadrado.

Ela apenas assentiu. Ela sentou-se em uma pedra com as pernas dobradas para o lado, como uma sereia. O resto de nós éramos um grupo de aparência desgrenhada, mas ela conseguia dar a impressão de que seu cabelo despenteado pelo vento deveria ser assim, como se algum estilista tivesse naquele exato instante arrumado cada fio de seu cabelo loiro e sedoso para um ensaio de moda. Chama de estilo. Eu gostaria de ter mais disso.

Olhei para o fogo. A prancha de windsurf de Peter estava lá, mas Peter não. Para onde ele poderia ter ido a partir daí, exceto de volta ao mar? Só que Irma dissera que ele não estava na água. E a Will disse que ele não estava além da vida. Eu me agarrei a isso.

- Taranee! - Hay Lin ligou. - Olha!

Empurrei meus óculos para cima do nariz. E então vi para onde Hay Lin estava apontando.

Um brilho vago e esverdeado, sinistro e quase fluorescente, podia ser visto ao longe. E parecia vir de dentro da ilha.

- O que é aquilo? - Eu disse.

- Parece que alguém esqueceu de fechar a geladeira - disse Irma. - Uma geladeira muito grande.

- A luz da minha geladeira não é verde - disse Hay Lin.

- Bem, essa luz é - disse Will. - E acho melhor descobrirmos de onde isso vem.

- Não tenho certeza se gosto disso - disse Irma, pela primeira vez parecendo séria e um tanto contida. - Há algo errado com esse brilho.

Mas Will já estava à frente, e o que quer que estivesse produzindo aquela luz, eu senti, tinha que ter algo a ver com Peter. Então eu segui. Hay Lin subiu a face da rocha ao meu lado, com tanta facilidade como se não pesasse nada. Ela é a única de nós que pode voar. É isso que o poder sobre o ar faz.

- É profundo - disse Will lá de cima. - Acho que poderia ser a abertura para algum tipo de caverna.

Tentei subir mais rápido, sentindo-me ao mesmo tempo tensa e animada. Talvez Peter estivesse no subsolo, como pensei inicialmente.

Ah, por favor, pensei, *deixe-o ficar bem.*

- Precisamos encontrar uma maneira de chegar lá - disse Will. - E seria bom se pudéssemos fazer isso sem quebrar nenhum osso. É bem profundo, não vejo o fim disso.

- Poderíamos nos unir - disse Hay Lin. - E então, eu posso... pedir ao ar para nos sustentar.

- Você pode fazer aquilo? - Perguntei. - Para nós quatro?

- Acho que sim - disse Hay Lin. - Ou poderíamos fazer isso de dois em dois, isso pode ser mais seguro.

- Não temos corda - disse Will.

Hay Lin sorriu.

- Talvez não. Mas não estou exatamente com falta de cordas...

Isso era verdade. O que quer que Hay Lin usasse, sempre havia pelo menos três ou quatro cordões ou cadarços de cores vivas envolvidos.

- É mais simples se eu fizer isso. - disse Cornélia, e ergueu as mãos.

Houve um estrondo e um barulho de pedras caindo quando a terra começou a se reorganizar.

- Não! - gritei. - Peter pode estar lá embaixo!

Cornélia parou imediatamente.

- Desculpe - disse ela. - Eu não pensei nisso. - Ela

espiou pela fenda. - Não está totalmente terminado - acrescentou ela, - mas podemos usá-lo se tivermos cuidado.

Poeira espessa voou sob o brilho verde. Demorou um pouco até que o ar se acalmasse o suficiente para eu ver o que Cornelia tinha feito.

Ela provavelmente, antes de eu interrompê-la, pretendia fazer uma escada, mas o que tínhamos agora era uma fileira de saliências rochosas e ásperas, como espinhos nas costas de um dragão. E ela estava certa. Eles poderiam ser usados, se tivéssemos cuidado.

- Bem - disse Will. - Acho que não vale a pena esperar. Vamos.

Lentamente, começamos a descer.

- Estou com uma vontade de comer um sanduíche - murmurou Irma, entre as pedras logo atrás de mim. - Um sanduíche feito com pão bem duro!

Em alguns pontos, a costura estreita descia quase em linha reta, de modo que meus dedos doíam de tanto agarrar-se às saliências ásperas da "escada" de Cornélia. Em outros lugares, ele se nivelou, mas ficou mais estreito, de modo que tivemos que rastejar sobre as mãos e os joelhos, e até sobre a barriga.

- Quanto tempo mais? - Eu gritei para Will, que estava na minha frente.

- Não consigo ver. - ela murmurou de volta.

Era como se estivéssemos rastejando nessa misteriosa escuridão verde durante metade da noite. Seria possível que camadas como esta poderiam descer abaixo do nível do mar sem serem inundadas?

E se de repente a água subisse pela fenda? Seríamos capazes de escapar? "*Você não vai se afogar*," eu disse a mim mesmo. "*Você tem Irma bem aqui. E não, o túnel não está realmente se estreitando ao seu redor e, sim, há realmente ar suficiente para respirar, mesmo que tenha um cheiro estranho.*

De repente, esbarrei em Will. Ela parou abruptamente bem na minha frente.

- Olha - ela sussurrou. - Acho que estamos aqui. - Aproximei-me dela, apoiando-me nas mãos e nos joelhos. Mais à frente, o túnel alargou-se bruscamente, e havia degraus esculpidos na rocha, degraus que não se pareciam em nada com as pontas de rochas inacabadas de Cornélia.

Com muito cuidado, avançamos. Will tinha uma mão em torno do Coração de Kandrakar. Eu não sabia se era apenas para conforto geral ou para que ela estivesse preparada caso fôssemos atacadas.

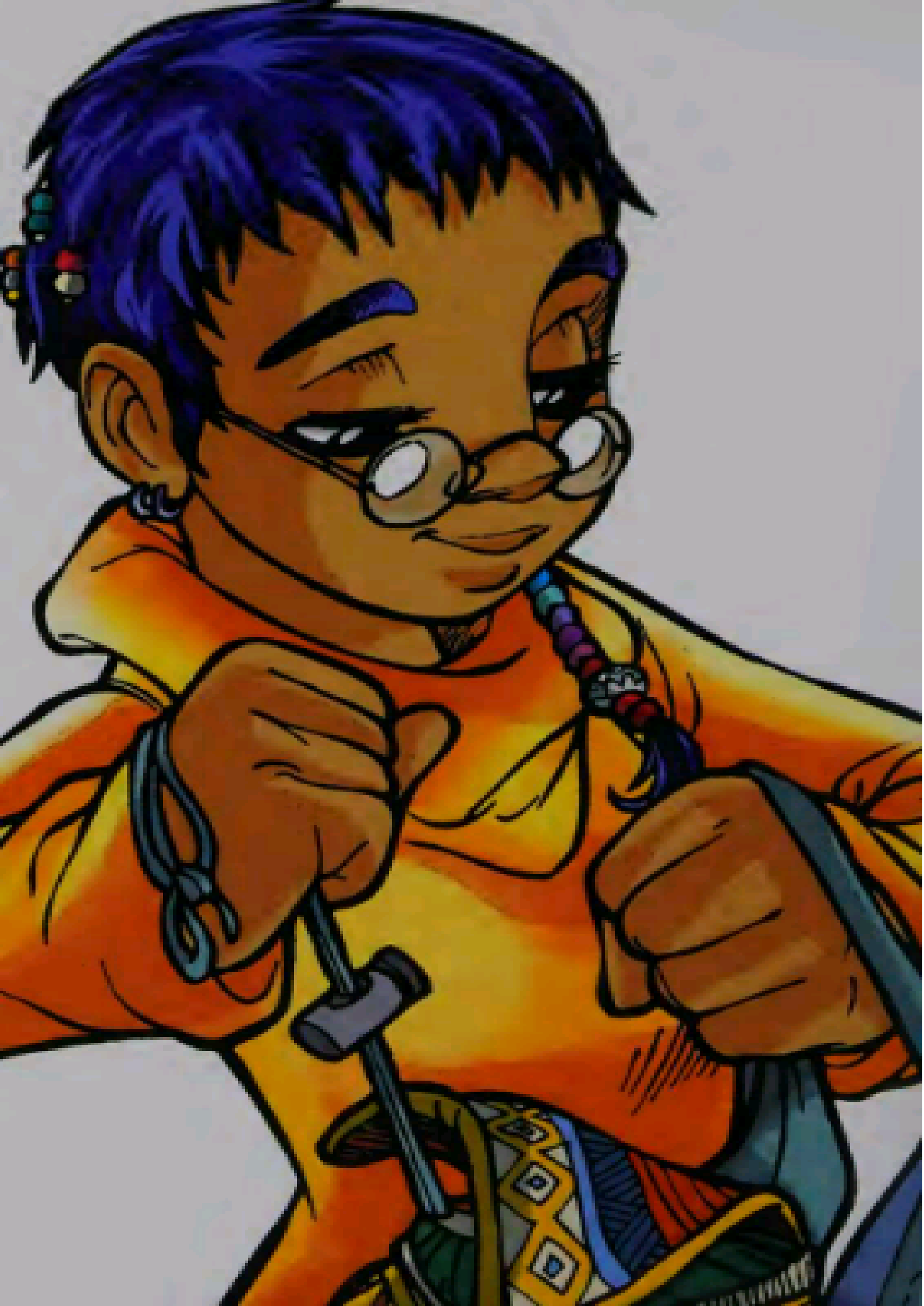
Os degraus terminavam numa câmara grande e cavernosa. E embora não houvesse ninguém ali, a câmara não parecia vazia. Havia algo ali. Em uma ampla

bacia de pedra estranhamente esculpida, algo girava e tremeluzia, brilhando sombriamente com uma luz espessa e fosforosa. Era um redemoinho, como o que vi meu sonho. Um turbilhão. Mas fosse o que fosse, não era nada tão simples quanto água.

O chão da câmara estava coberto de areia fina. E ali, rabiscada com caligrafia casual, estava uma mensagem.

"*Entrem, Guardiãs. Se vocês ousarem.*"

Bem ao lado dessa mensagem, estava o relógio de Peter.



Capítulo 5

Eu gentilmente peguei o relógio. Era aquele que nossos pais tinham acabado de dar de aniversário a Peter.

- É de Peter? - Will perguntou timidamente.

Balancei a cabeça, incapaz de falar.

- Então alguém o trouxe aqui - disse Will.

Todas nós olhamos para o turbilhão.

- Irma... - eu disse. Mas ela apenas balançou a cabeça, estremecendo.

- Não vou tocar nisso - disse ela. - Ele não quer que eu faça isso. Ele não me escuta. - Irma fez uma pausa. - Não é realmente água.

Ajoelhei-me na beira do redemoinho e coloquei a ponta do dedo cautelosamente. Com um grito, puxei meu dedo de volta.

- Bem, também não é fogo - eu disse. - Isso está me queimando! O fogo não faz isso comigo!

Will examinou a cena.

- São os dois - ela disse. - É... um... "fogo aquático." Água e fogo combinados.

Todos nós nos entreolhamos. Água e fogo não combinam. Sempre. Eles não podem...

Exceto aqui, os elementos...

- E como devemos superar isso? - sussurrou Irma.

Eu não sabia. Mas quem quer que tenha escrito aquela mensagem parecia pensar que havia uma maneira.

- Vamos perguntar ao Coração - disse Will calmamente, e ela o colocou na mão. Juntos, nós o apertamos, deixando seu suave brilho branco nos envolver.

- Coração de Kandrakar - disse Will, com grande concentração. - Mostre-nos o caminho.

Eu havia dito que fogo e água nunca se combinam, mas no Coração de Kandrakar eles se encontram. O Coração nos mantém unidas e tem espaço suficiente para todas as nossas personalidades. Irma e eu somos muito diferentes uma da outra. Mas quando ambas seguramos o Coração, somos mais próximas do que irmãs. É a magia da amizade.

Fechei os olhos e soube que o que eu via as outras viram também. Um enorme salão com pilares, e suas paredes compridas pareciam se estender para o infinito e cheio de luz, assim como o brilho do próprio Coração. E no seu centro, uma presença, gentil mas forte.

- Bem-vindas, Guardiãs.

Era a voz do Oráculo. Eu não posso explicar como, mas eu sabia que, embora ainda estivéssemos no chão arenoso da câmara rochosa nas profundezas da Ilha do Desgosto, nós também estávamos na fortaleza de kandrakar. E embora eu falasse, explicando as minhas palavras iradas e o desaparecimento de Peter, tive a sensação de que não precisava realmente dizer nada daquilo; o Oráculo já sabia.

- Foi minha culpa - eu disse miseravelmente. - Eu não deveria ter desejado mal a ele.

- Um desejo é de fato uma força forte - disse o Oráculo. - Especialmente o desejo de um Guardião. - Abaixei a cabeça, me sentindo terrivelmente culpada. Mas o Oráculo sorriu e me senti um pouco mais leve..

- Tenha coragem - disse o Oráculo. - Suas palavras foram imprudentes, mas não havia maldade profunda nelas. Você realmente desejava prejudicar seu irmão?

- Não! - Eu disse, com um pouco de força demais.

- Falhas muito maiores ficam impunes todo o dia. - A voz calma do Oráculo continuou. - Seu erro trouxe você a este desafio, e você deve acreditar que há uma razão para isso. Sem erros, não haveria aprendizado, e do seu pequeno tropeço, um bem maior pode surgir e um erro antigo pode ser corrigido.

- Mas o redemoinho... estamos presas - eu disse. -

Não sabemos como atravessá-lo. Não sabemos o que é.

Houve um suspiro. Então o Oráculo falou novamente.

- Devo lhe contar uma história - começou o Oráculo. - Era uma vez, há muito tempo, uma jovem, não muito mais velha que você. Ela tinha um toque de magia e o usava de pequenas maneiras para influenciar homens e mulheres à sua vontade. Um dia ela viu um jovem e queria que ele a amasse; mas o jovem era teimoso em sua devoção a outra. E então a feiticeira procurou fazer aquela outra garota desaparecer. Ela quase conseguiu, invocando muitos espíritos malignos dos mundos além. Os Guardiões daquela época derrotou o mal que ela havia invocado, mas na confusão, a jovem feiticeira encontrou um terrível meio de fuga. Sua magia desbloqueou algo ainda mais forte. Ela desapareceu, girando em um vórtice de magia não natural, um grande redemoinho, que a sugou para que ela ficasse fora do alcance dos Guardiões.

Meus olhos se abriram involuntariamente e olhei para o turbilhão.

- Isso? Este é o vórtice? - Perguntei.

- Sim - disse o Oráculo. - Os Guardiões não ousa-

ram chegar perto do caos rodopiante. Tudo o que puderam fazer foi erguer esta ilha para esconder o vórtice.

- O que aconteceu com a feiticeira? - Hay Lin perguntou.

- Não sei - disse o Oráculo.

Isso surpreendeu a todas nós. Com o tempo, ficamos convencidas de que o Oráculo sabia tudo.

- *Como... como é que você não sabe*? - Irma perguntou.

O Oráculo ergueu as mãos. Entre eles girava um arco torcido, quase um oito.

- Você sabe o que é isso? - ele perguntou.

- É uma tira de Möbius[3] - eu disse. - É uma espécie de... infinito bidimensional.

- E agora? - o Oráculo perguntou enquanto mudava a figura. Tornou-se um verdadeiro número oito. O Oráculo novamente manipulou ligeiramente a figura, de modo que um dos círculos ficou bem menor que o outro.

- É... um número normal, oito! - eu disse.

- E o que aconteceu ao infinito? - ele desafiou.

- Eu... eu não entendo - confessei.

- A feiticeira encontrou uma maneira de distorcer

---

[3] **Uma fita de Möbius ou faixa de Möbius é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar meia volta em uma delas. Dando uma ilusão de tridimensionalidade Deve o seu nome a August Ferdinand Möbius, que a estudou em 1858.**

a natureza - explicou o Oráculo. - Ela o torceu com tanta violência que distorceu um pouco do tempo e do espaço em um pequeno laço separado. Vejo o círculo maior do infinito, mas não posso entrar em seu círculo pequeno e distorcido. Você consegue, porque ela quer que você faça. Você não a ouviu chamando?

Lembrei-me da voz fria e faminta.

- Você quer dizer que deveríamos simplesmente deixar aquela coisa... nos sugar? - Irma disse, parecendo revoltada.

- Acho que vocês farão o que for preciso - respondeu o Oráculo calmamente. - Confie no seu coração.

A presença do Oráculo desapareceu.

- Está tão frio que queima... - eu sussurrei. Eu ainda estava tentando processar o que era esse elemento diante de nós e como controlá-lo.

- Parece tão pouco natural - disse Cornélia, trêmula.

Como Peter passou pelo vórtice? Ele deve ter passado. Não havia outro lugar para onde ele pudesse ter ido. E isto ilustrou claramente a forma como qualquer pessoa poderia ir além da água, além da terra e além do ar, e ainda assim não estar além da vida.

- Talvez o Coração nos proteja - disse Will.

- Eu poderia ir sozinho - eu disse. - Peter é meu irmão.

- De jeito nenhum - disse Irma com firmeza. - O redemoinho quer um Guardião. Mas eu digo, vamos dar um pouco mais do que essa mulher esperava. Não um Guardião, mas cinco.

Irma se espreguiçou e começou a se transformar. Will imediatamente fez o mesmo e o resto de nós a seguiu. Logo, naquela caverna, não havia mais cinco meninas cansadas de jeans e tênis. Quando somos Guardiões, somos outra coisa. Não são apenas as asas ou as roupas, embora ambas pareçam boas. Cornelia, claro, parece elegantemente perfeita, como sempre.

O engraçado é que o resto nós também parecemos perfeitas. Nem um pouco, diferente de quem nós realmente somos, mas de uma forma ainda mais incrível. Hay Lin parece perfeitamente Hay Lin. Will é ainda mais perfeitamente Will. Acho que até eu pareço perfeita, de um jeito meio Taranee. Mas totalmente diferente também. É como uma sensação elegante e selvagem de poder fazer praticamente qualquer coisa. Foi isso que eu quis dizer quando disse que ser uma Guardiã do Véu é divertido. Às vezes é tão divertido que esqueço que devo salvar o mundo.

Só que desta vez não era o mundo que estávamos aqui para salvar. Era meu irmão, Peter.

- Se estamos realmente fazendo isso - eu disse, - Então, vamos fazer isso logo.

Subimos na borda da bacia, com as mãos entrelaçadas.

Irma olhou para a água verde e mal-humorada.

- Normalmente gosto dos meus banhos mais quentes do que isso - brincou ela. - Ah, tudo bem.

- Coração de Kandrakar, proteja-nos - disse Will. E então pulamos.

Capítulo 06

Ao entrarmos no corredor, senti uma pressão tão forte que não consegui respirar. A mão de Hay Lin foi arrancada do meu alcance; por alguns segundos desesperados, agarrei-me a Will, mas então ela também foi arrancada de mim. Eu girei e girei através do nada. Então algo me atingiu com força e, por alguns momentos, tudo ficou escuro. Demorou um pouco até que eu finalmente conseguisse recuperar o fôlego.

- O que aconteceu? - murmurou Hay Lin com uma voz atordoada.

Eu abri os meus olhos. Nós não tínhamos pulado nada. Estávamos de volta ao ponto de partida. Ou pelo menos foi o que pareceu quando finalmente me sentei e observei o que estava ao meu redor.

Estávamos em uma câmara subterrânea cavernosa que parecia uma bacia de pedra esculpida no chão arenoso. O verde sombrio do redemoinho deu à câmara um brilho estranho e misterioso.

Irma já estava meio de pé e olhava ao redor com a mesma expressão atordoada que provavelmente estava em meu rosto.

- Mas nós estávamos... acabamos de chegar... - Ela olhou para a bacia e para a piscina verde.

Will parecia ter desmaiado. Toquei seu rosto. Sua pele estava gelada e úmida.

- Ela esta bem? - perguntou Hay Lin.

- Não sei - eu disse.

- Onde estamos? - Irma perguntou. - Nós... nos entramos?

- Claro que sim - disse Cornelia numa voz que sugeria que a pergunta de Irma era tola. - As escadas ficam do outro lado da câmara, aqui.

Ela estava certa. E o que era mais importante, o redemoinho na bacia aqui girava no sentido anti-horário, e não no sentido horário como antes. A câmara era um reflexo daquela que nós havíamos acabado de deixar.

Will começou a se mexer. Irma lhe ajudou a sentar-se.

- Chegamos. - disse Irma. - Onde quer que seja aqui.

- Oh, - disse Will, fracamente. - Parece muito... com onde estávamos antes.

E então um ruído sufocante escapou dela.

- Will? - Eu disse, correndo para pegar a mão dela. - O que está errado?

Will não falou. E então Hay Lin apontou para o Coração, que caiu no chão pela mão trêmula de Will.

- Olhar! - Hay Lin explicou.

O Coração de Kandrakar não era mais uma esfera perfeita de luz clara e pulsante. No fundo, uma torção escura e tingida de verde apareceu, como uma rachadura em um prato de porcelana.

- Olha - sussurrou Hay Lin mais uma vez. - O coração está partido.

Todos nós ficamos ali olhando para ele, completamente atordoados, exceto Will, que estava sentado na areia, tremendo incontrolavelmente. Como o coração poderia ser quebrado?

- É só uma rachadura - disse Irma, esperançosa. - Não é como se estivesse realmente quebrado.

- Não está realmente, realmente quebrado? - imitou Cornélia. - Ora, obrigado por essa análise brilhante, Sra. Lair.

- Cornélia - murmurou Irma. - Só porque você sempre sabe...

- Fiquem quietas, vocês duas - eu disse. - Há algo errado com Will.

Era difícil dizer no horrível brilho verde que fazia todo mundo parecer doente, mas o rosto de Will parecia ainda mais pálido do que o nosso.

- Wili? - Toquei sua testa suavemente. Estava úmido de suor.

Ela abriu os olhos e depois os fechou rapidamente.

- Will, como você se sente? - Perguntei.

- Tonta - ela murmurou. - Taranee, isso dói.

- Onde? - Perguntei.

- Em todos os lugares - disse ela, trêmula. - Até dentro de mim.

- Você aguenta? - Eu perguntei a ela.

- Acho que sim - disse ela. - Vou tentar.

Cornélia e eu a ajudamos a sentar-se na beirada da bacia do redemoinho. Hay Lin pegou o Coração danificado e colocou-o nas mãos trêmulas de Will. Os olhos de Will se encheram de lágrimas.

- Eu deveria cuidar disso - ela gemeu.

- Não é sua culpa. - Eu disse, acariciando seu braço. - E não é... - Hesitei, pensando na afirmação de Irma de que o Coração não estava realmente, realmente partido. - ... Não está quebrado nem nada. Talvez possamos encontrar uma maneira de consertá-lo.

- Claro - murmurou Cornelia baixinho. Eu olhei

para ela. - É um objeto mágico. Talvez a magia possa curá-lo.

- Perguntaremos ao Oráculo... - disse Hay Lin. - Quando chegarmos... quando nós voltarmos. Neste momento ainda temos que encontrar o irmão de Taranee.

- Acho que Will deveria ficar aqui - disse Irma. - Ela não está em condições de ir a lugar nenhum. E talvez um de nós devesse ficar com ela.

Mas Will balançou a cabeça.

- Não - ela disse. - Juntas. Temos que ficar juntas. E ela colocou as mãos na lateral da bacia e se levantou para ficar de pé, curvada e tremendo, sobre os próprios pés.

- Tem certeza? - Eu disse.

Ela assentiu novamente.

- Positivo.

- Tudo bem, então. Vamos - eu disse e me virei, indo em direção à escada.

- Exatamente como fogo - disse Cornelia, num tom ligeiramente enojado.

Eu me virei.

- O que? - Eu exigi.

- O que você está fazendo agora - disse Cornelia. - Partindo sem se preocupar em fazer um plano.

- Como podemos fazer um plano? - Perguntei. -

Não sabemos nada sobre este lugar.

- Tudo bem. Faça do seu jeito - Cornelia retrucou.

Eu já estava farta da senhorita Cornelia.

- Peter é meu irmão e vou procurá-lo - eu disse, e continuei subindo as escadas sem esperar resposta. Não era hora de discutir.

- Espere - disse Irma, lutando para segui-lo. - Eu irei com você.

Poucos minutos depois, Cornelia e Hay Lin agarraram Will e nos seguiram escada acima.

🔥🔥🔥

Os degraus eram muito mais largos do que na Ilha do Desgosto. Eles eram suaves e brilhante com o desgaste. E este era um túnel de verdade, não uma fenda áspera pela qual mal se pudesse passar. Aqui, era possível caminhar ereto até a superfície.

Logo, eu pude ver uma luz pálida no fim do túnel. Diminuí a velocidade e acabei rastejando para frente apoiado nas mãos e nos joelhos. Fiquei pensando na voz fria e faminta. Estávamos lá porque alguém nos queria lá. Alguém que nos escreveu uma mensagem na areia. *Entre... Se tiver coragem.* Parecia uma boa ideia presumir que poderia haver um comitê de boas-

vindas e que poderia não ser o tipo de boas-vindas que gostaríamos de receber sem avisar.

Para minha surpresa, não havia ninguém ali, pelo menos ninguém nas imediações. As rochas áridas da ilha estavam desertas. Mas, longe das rochas, parecia que estávamos chegando ao meio de algum tipo de cidade.

O mar ao nosso redor estava coberto de jangadas e plataformas e passarelas, com casas flutuantes e gôndolas e barcaças e todos os outros tipos de embarcações flutuantes imagináveis, e eu tinha certeza de que muitas delas ninguém jamais havia imaginado. Muitas das jangadas eram conectadas por pontes elaboradas. Acima de tudo, o céu estava escuro e vazio. Sem lua, sem estrelas. Fiquei com arrepios ao olhar para aquilo, tão estranho e vazio. Baixei rapidamente os olhos.

A luz que eu tinha visto vinha do mar. Uma luz pálida filtrada das profundezas fez com que tudo que eu vi não parecesse muito real. No entanto, havia claramente pessoas reais lá embaixo, mesmo que não fosse humano. A maioria dos habitantes me lembrava sapos. Fora da água, eles gingavam com as nadadeiras nas pernas e tinham a pele lisa e sem pelos, salpicada de vários tons esverdeados. Poucos deles se preocuparam com as pontes para atravessar a água. Para ir

de uma jangada a outra, eles simplesmente entravam na água com uma facilidade anfíbia. O mar estava lotado deles, assim como as jangadas e as plataformas.

- Eles parecem sapos! - sussurrou Irma. - Sapos muito grandes...

Eu balancei a cabeça. Eles tinham quase o tamanho humano, a maioria deles. Eles não pareciam sinistros ou perigosos. Mas de vez em quando, eles se espalhavam e davam lugar a algo com aparência muito mais predatória: répteis com presas e escamas, com espinhos afiados como navalhas nas costas. Se a maioria dos habitantes da cidade pareciam sapos, estes pareciam monstros de Gila[4].

- Acho que devemos nos preocupar com as criaturas escamosas - sussurrei de volta. - Eles parecem... malvados. E no minuto em que nos avistarem, saberão que somos estranhas.

Irma bufou.

- Acho que posso convencer essas criaturas de que nos parecemos com elas.

- *Mmmm...* - disse Will. - Mas você também pode nos deixar respirar abaixo da superfície, se for necessário?

---

[4] **Monstro de Gila**: (**Heloderma suspectum**) **lagarto venenoso, da família dos Helodermatídeos, endémico de zonas áridas e semiáridas dos EUA e do México, pode atingir perto de 60 centímetros de comprimento e tem corpo robusto de coloração rosada ou amarelada com padrão de manchas negras, cabeça grande e preta, membros curtos da mesma cor, cauda curta e larga e língua bifurcada**

Irma pareceu pensativa por um momento.

- Acho que sim - disse ela.

- Ela acha que sim - disse Cornélia. - Bem, ótimo. Vamos todos nos apressar e confiar nossas vidas a ela.

- Por que você está agindo assim? - Eu perguntei a ela. A atitude de Cornélia não estava ajudando em nada a situação. Olhei atentamente para ela. *O que estava acontecendo?*

- Como o que? - ela perguntou, toda inocente.

- Raivosa. Sarcástica - expliquei.

- Bem, com licença - disse Cornélia. - Eu só estou tentando ser a voz da razão por aqui.

- Bem, quem contratou você para o trabalho? - Eu perguntei, perdendo a paciência.

- Você poderia manter a voz baixa? - disse Hay Lin. - A menos que você realmente queira que aquelas criaturas com presas lá embaixo nos ouçam?

Olhares irritados foram trocados. Até Hay Lin, que geralmente era sempre tão alegre, parecia irritado.

- Vou até lá - eu disse - se Irma me ajudar. Talvez alguém saiba onde Peter está.

- Eu ajudo - disse Irma lealmente. - É bom saber que alguém confia em mim.

- Bem, alguém deveria ficar aqui e guardar a câma-

ra - disse Cornelia. - Qualquer sobrevivente precisa ter pelo menos uma pequena chance de voltar para Heatherfield.

- Você é voluntária? - Perguntei.

- Acho que sim - disse ela. Não pude deixar de notar que Cornelia parecia um pouco magoada.

Senti uma pontada de culpa. Normalmente, não teríamos nos separado assim. Mas naquele momento, com ela no seu estado de espírito atual, eu realmente não queria Cornelia por perto. Fiquei chateada por me sentir assim. De qualquer forma, fazia sentido guardar a câmara.

- Eu também ficarei - disse Hay Lin. - Apenas no caso de...

- Você não precisa - disse Cornelia. - Mas eu gostaria... quero dizer, é mais sensato não ficar sozinha.

Will parecia infeliz.

- Devíamos ficar juntos - disse ela. - Estamos melhor assim.

Agora não, pensei, não do jeito que continuamos discutindo e brigando por tudo.

- Você ainda parece pálido - eu disse. - Você deveria ficar com Cornelia e Hay Lin por enquanto.

Ela balançou a cabeça.

- Tenho um pressentimento... preciso andar. E estou me sentindo muito melhor agora.

Ela não parecia melhor. Mas de todos as Guardiãs, Will era minha melhor amiga, e fiquei feliz por ela ter vindo comigo.

Capítulo 7

A cidade estava me deixando enjoado enquanto viajávamos em busca de algumas respostas. Nada estava em terreno sólido; tudo balançava e balançava, movendo-se com nossos movimentos e com as ondas do mar. E embora houvesse lâmpadas e lanternas na maioria das jangadas e pontes, a maior parte das luzes vinha do mar. A luz não vinha apenas dos reflexos na superfície, mas das profundezas, onde o mar brilhava como uma piscina iluminada à noite.

Irma estava olhando para a água, parecendo absolutamente fascinada.

- Ele desce por quilômetros - disse ela com admiração.

Eu não tinha certeza sobre os quilômetros reais, mas estava bastante claro que aquela cidade era como um iceberg: nove décimos dele estavam abaixo da superfície. A cidade não tinha edifícios altos, tinha edifícios profundos.

A ilusão proporcionada por Irma parecia estar funcionando e ninguém parecia prestar muita aten-

ção em nós. Ao nosso redor, os sapos moviam-se num fluxo constante, alguns de maneira apressada e profissional, outros bamboleando ou nadando de maneira mais tranquila.

De repente, houve uma perturbação na água. Salpicos e gritos agudos foram seguidos por algo que soou quase como uma risada rosnada. Então ouviu-se um grito e outro barulho, e para fora da água, seguido de perto por um par de répteis particularmente feios, surgiu um corpo elegante e salpicado de verde. Ele pousou no cais aos nossos pés com um tapa molhado. Recuei involuntariamente, escorreguei e caí quase em cima do corpo de sapo à minha frente.

- Eeeek! - a criatura gritou, rolando para fora do caminho. Então ele se levantou para uma fuga rápida. Ele quase conseguiu também. Mas eu o atrasei só um pouco, e antes que ele tivesse tempo de deslizar por uma abertura estreita nos fundos de uma das jangadas, uma garra escamosa agarrou-o pela nuca. Houve um lamento de terror do menino sapo, e depois um grito agudo de dor quando um dos répteis o empurrou casualmente contra a parede e o manteve preso ali com um pé pontiagudo.

Todos os outros sapos na jangada congelaram no meio do que quer que estivessem fazendo. Então houve um movimento geral e, em poucos minutos, a

multidão simplesmente se dissolveu, formando prédios ou caindo na água, de modo que o pobre menino sapo, que não era maior que uma criança humana de oito anos, ficou sozinho com seus captores. E nós.

O maior dos répteis bocejou amplamente, expondo presas que fariam inveja a um crocodilo, e a pele do menino sapo passou de verde-oliva a branco pastoso.

Então o réptil recuou a mão para dar um golpe.

- Pare! - Eu gritei. Chamar a atenção deles pode não ter sido a coisa mais inteligente do mundo, mas como eu poderia simplesmente ficar ali e deixá-los fazer... fazer o que quer que fossem fazer com uma vítima tão pequena e indefesa? - Deixe ele ir!

O réptil menor ainda segurava o menino sapo, que se debatia, preso contra a parede. O outro virou-se lentamente e olhou para mim. Aqueles olhos amarelos claros, aquele sorriso com presas da última vez que encontrei algo assim, foi em um pesadelo.

- *Thssssiiiieff* - sibilou. Ele ergueu uma garra para levantar uma dobra da toga em forma de rede que usava e mostrou algum tipo de distintivo para mim, parecia uma coroa, dourada sobre verde. Depois me deu as costas, como se isso fosse uma explicação o suficiente, e mais uma vez levantou a mão.

Ah, não, você não vai fazer isso, eu pensei. E ateei fogo à sua toga.

Por um momento, ele simplesmente olhou para as chamas com uma expressão confusa no rosto escamoso. Então ele rugiu de terror e começou a bater no fogo com os dois braços atarracados. Poderia ter mergulhado no mar em segundos, mas essa solução simples pareceu não lhe ocorrer.

O réptil menor pareceu tão atordoado quanto o outro a princípio, depois soltou o menino sapo e recuou do fogo. O menino sapo imediatamente escorregou para o lado, pegou-me pelo braço e mergulhou na direção da abertura que ele estava procurando. Fiquei tão surpresa que nem tentei resistir. A grade que bloqueava a ventilação balançou para o lado ao toque dele, e entramos, primeiro de cabeça, o menino sapo, depois eu. Irma e Will, que tinham conseguido segurar meu tornozelo esquerdo no último minuto, me seguiram. Caímos por uma grande distância antes de acabarmos amontoadas no fundo de uma espécie de tubo.

Acho que foi um poço de ar. De onde estávamos sentadas, outros tubos saíam em três direções diferentes, todos inclinados para baixo. A única maneira de subir era pelo cano escorregadio por onde havíamos acabado de cair. Subir parecia uma tarefa quase impossível. Em de qualquer forma, provavelmente ha-

via dois répteis muito furiosos esperando por nós no topo.

- Ótimo - murmurou Irma. - E como vamos sair disso? - Ela olhou para o menino sapo, que agora estava agachado a alguns metros de distância, olhando para nós com o que parecia ser um espanto de olhos arregalados. Eu não tinha certeza, embora talvez seus olhos sempre estivessem esbugalhados assim.

Cautelosamente, ele se aproximou um pouco mais, depois estendeu a mão e tocou minha mão com cautela. Seus dedos palmados estavam molhados, mas macios e macios.

- Você é! Ah, sim! - ele disse - Você realmente é!

- O que? - Perguntei. Eu me perguntei o que ele viu.

- O povo da Rainha! E vocês criaram *Truefire*![5] Espere até a rainha saber disso, não haverá mais a paz na Cidade dos Redemoinhos[6] então, com certeza não, nenhuma, ah, não!

Povo da rainha? O que quer que ele quisesse dizer com isso, ele sabia claramente que não éramos moradores da cidade. Olhei para Irma.

- Pensei que você estivesse lidando com o negócio do disfarce - sussurrei para Irma.

Ela parecia um pouco envergonhada.

---

[5] **Truefire: em tradução literal "fogo verdadeiro" ou "chamas verdadeiras"**
[6] **Stromtown no original**

- Eu estava. Mas com toda a excitação... bem, acho que meu controle escorregou um pouco.

Virei-me para o menino sapo.

- Quem é essa rainha de quem você está falando? - Ela poderia ser alguma descendente da feiticeira? Eu me perguntei.

Ele parecia chocado.

- *Quem é a rainha?* - ele repetiu. - Quem é a rainha? Oh, mau problema, mau problema. O povo da rainha não conhece a rainha. Apenas espere. Apenas espere até ela ouvir. Oh, não. O povo da rainha será apenas ossos na água, ossos limpos, oh , sim.

Ele estava começando a me irritar.

- Você está planejando nos entregar? - Eu perguntei a ele. - Eu salvei sua vida. Você vai me pagar contando sobre mim para essa sua rainha?

Nervoso, ele agarrou o hematoma no peito onde o grande valentão o havia empurrado.

- Reb não fará mal, *ah, não,* não fará mal a quem o ajudou - disse o menino sapo. - Mas a rainha sabe. A rainha sabe tudo, ah, sim. Ela tem os *Spinies*. Eles me machucaram. Vão machucar você. Ela tem o *Merefire*[7] Ela sabe, ah, sim! E ela coleciona pessoas da rainha.

---

[7] ***Merefire: "mere" significa algo como mero, trivial, inferior, fraco. Em tradução livre seria como "chamas fracas" , "meras chamas" ou até "fogo falso".***

Coleta? Isso... não parecia bom. Isso me fez pensar em borboletas cuidadosamente preservadas em caixas de vidro, com as asas abertas e presas com agulhas.

- Ela... colecionou algum novo ultimamente? - Eu me ouvi perguntar.

Reb assentiu vigorosamente. Ele não tinha muito pescoço, então ele mais ou menos assentiu com toda a parte superior do corpo.

- Hoje de manhã, a primeira deste longo ano - explicou ele. - Uma grande captura, ah, sim. Metade da cidade já foi ver isso.

Olhei para Reb meio confusa. O que foi um longo ano? Uma festa da rainha? Uma coisa ficou clara, no entanto. Eles haviam capturado algo naquela manhã. E eu estava com medo de que fosse Peter.

- Onde ele está? - Eu explodi.

Reb parecia confuso.

- Quem?

- Meu... - Eu me impedi de dizer irmão. Eu respirei fundo. - Quero dizer, o... o garoto da rainha. Aquele que eles pegaram.

- No Salão de Cristal, é claro - disse Reb. - Onde mais eles colocariam isso?

- Leve-nos até lá - eu disse com mais confiança do que eu imaginava.

Reb se afastou de mim alarmado.

- Ah, não - disse ele. - Nada bom, nada bom, ah, não. Quer ser ossos?

Levei um momento para perceber que ele se referia a mim.

- Sou uma menina, Reb - expliquei. - Não é isso.

Houve uma pausa intrigada. Então ele repetiu educadamente:

- A garota quer ser ossos? - ele perguntou.

Desisti da aula de gramática.

- Não - eu disse - mas preciso vê-lo. Isso. Tanto faz. Preciso ver isso... pegar.

- Água ruim para nadar - gritou Reb. - Águas ruins para garota. Ah, sim. Muito perigosas.

- Taranee, talvez não devêssemos ficar sem... - começou Will, mas não tive tempo para objeções.

- Se você não me levar até lá, irei sozinho - disse eu a Reb. -Apenas me aponte na direção certa.

Novamente, houve um momento de silêncio perplexo. Então ele levantou uma mão e apontou para baixo. Houve uma risadinha de Irma.

- Ok, então, Taranee. Vá! - ela disse. - Ótimo senso de direção.

Eu dei a ela um olhar irritado. Então voltei para Reb.

- Eu preciso de mais do que isso - eu disse a ele,

tentando ser paciente. - Você tem que me dizer exatamente como chegar lá.

Ele balançou a cabeça violentamente, um movimento que, assim como os seus acenos, envolveu a maior parte da metade superior do corpo.

- Águas ruins - ele repetiu.

- Eu entendo - eu disse. - Se você não me contar, vou perguntar a outra pessoa.

Eu olhei para ele. Ele olhou para trás, carrancudo. Seus olhos eram de uma cor dourada escura, salpicados de preto.

- A garota não quer ouvir - ele sibilou. - A garota tem ossos. Talvez Reb também tenha ossos.

Eu não disse nada. Eu apenas continuei olhando fixamente. Finalmente ele suspirou e abaixou a cabeça.

- Ossos - ele murmurou. - Ossos e águas ruins. Mas Reb conhece um caminho para entrar no corredor. Um caminho para águas escuras. Quase escondido. Espinhos não vão lá, ah, não.

- Leve-nos - implorei.

Ele deu de ombros com fluidez. Então ele se moveu em direção a uma das três aberturas de cano que saíam da junção em que estávamos.

- Reb vai mostrar a você. Garota, siga-a - disse ele,

e deslizou para dentro do cano. Irma lançou um olhar desconfiado ao caminho que ele queria que tomássemos.

- Podemos confiar nele? - ela sussurrou. - Talvez haja uma recompensa ou algo assim. Por capturar pessoas da rainha. E a coisa espinhosa o chamou de ladrão.

- Quem mais nós temos? - Eu disse.

- Eu gosto dele - disse Will. - Eu acho que ele é meio fofo.

- Você gosta de tudo que se parece com um sapo - disse Irma com certa exasperação. O que é verdade: Will tem chinelos de sapo, pôsteres de sapo, toalhas de sapo, lápis de sapo, um despertador de sapo e cerca de um zilhão de sapos de pelúcia de todos os formatos, tamanhos e descrições. Ela é viciada em sapos.

Reb colocou a cabeça para fora.

- Garota vem? - ele perguntou.

- Sim - eu disse. - Estou indo.

Capítulo 8

Não sei quanto tempo ou quão longe caminhamos. Havia pontos ao longo do caminho onde podíamos respirar ar puro. No resto do tempo, a magia de Irma criava para nós bolhas de ar que eram quase como capacetes de mergulhador. Sem ela, nunca teríamos sobrevivido à longa e sombria viagem descendente.

Paramos para respirar em um sino de ar ancorado acima de um caminho enferrujado de mão dupla. Logo abaixo de nós, sapos e Spinies deslizavam, agarrados a algo que me lembrava um teleférico primitivo. O ar redor do sino estava tomado pelo mau cheiro e o chão estava coberto de lixo. As paredes de vidro estavam quase opacas com algas e outras sujeiras.

- Olha - disse Reb, apontando para baixo. - Salão de Cristal.

Acho que esperava algum tipo de castelo submarino, talvez porque fosse isso que o Reb chamava de "lugar da rainha". Não parecia nada com um castelo. Parecia uma enorme máquina de pinball flutuante, era cheia de tubos curvos e luzes coloridas e fendas

através das quais pessoas - sapos e Spinies - emergiam constantemente.

- Reb - eu disse, tocando levemente um de seus braços de pele lisa - o que são essas luzes verdes?

Ele me lançou um daqueles olhares de garotas estúpidas que sabem tudo. Eu estava recebendo vários deles.

- *Merefire* - disse ele. - Eu te disse, é o lugar da rainha. É onde eles fazem isso.

- Por que eles mantêm o... povo da rainha lá? - Perguntei.

Houve outro olhar curioso, este um pouco mais especulativo.

- A Rainha não gosta deles - disse ele. - Rainha especialmente não gosta de pessoas que podem fazer *Truefire*! - Seus olhos dispararam, como se ele estivesse se certificando de que não houvesse ouvintes invisíveis. Mas esta situação deixou Reb nervoso.

- Bem, isso vai torná-la muito popular, não é? - Irma me disse. - Quer aparecer e dizer olá a Sua Majestade enquanto estamos lá?

- Não! - ele sibilou, e então explodiu em uma série de cliques e tons nervosos que usou com os Spinies. Demorou um pouco para se recuperar sua capacidade de falar e, quando o fazia, era quase incoerente. - Não

devo! Não devo! - Reb balbuciou. - Oh, não, ossos na água, garota não deve fazer isso!

- Ela não quis dizer isso - eu disse, tentando acalmá-lo. - Ela costuma dizer coisas que não quis dizer.

- Ruim, muito ruim! - Reb disse. - Por que garota faz isso?

- Foi uma piada - disse Irma, desamparada.

- Piada de mau gosto. Ah, sim. Piada de muito mau gosto.

- Concordo com Reb - disse Will, com um sorrisinho para Irma.

Irma fez beicinho.

- Você é tão divertido quanto um cobertor molhado em um dia frio - disse ela, deixando Reb quase vesgo de perplexidade.

- Cobertor molhado? - ele murmurou. - Cobertor molhado também é uma piada de mau gosto?

- Mais ou menos - eu disse. - Por que a rainha não gosta de *Truefire*?

- Não sei, não sei - Ele hesitou, depois disse cautelosamente - Pode ser por causa da música. Ah, sim, pode ser. - Sua boca se esticou no que só poderia ser um sorriso, e ele começou a cantar:

"*Fogo verdadeiro, fogo verdadeiro,*
Queima da verdade!

Queime os Spinies para fora da cidade!
Fogo verdadeiro, Fogo verdadeiro,
Quente e afiado,
Logo sem Spinies,
Logo sem rainha!"

Depois que ele terminou de cantar, ele olhou para mim. E então ele disse, muito solenemente

- Você veio queimar os Spinies, *garota Truefire* ?

A esperança em seus olhos era quase insuportável. De repente percebi o quanto o seu povo temia os Spinies. Mas eu não poderia mentir para ele. Isso teria sido ainda pior.

- Eu vim buscar o meu irmão de volta - eu disse. - Qualquer outra coisa é... incidental.

Ele fechou lentamente os olhos dourados e, por um momento, pareceu tão triste que tive vontade de abraçá-lo, com nadadeiras e tudo.

- Tenho que ir pelo caminho da água escura agora - disse ele depois de um tempo, parecendo cansado e com medo. - Garota, fique por perto. Não é uma maneira legal de morrer, ah, não.

🔥🔥🔥

Reb estava certo. Seu jeito *darkwater* não era nada legal. A maior parte da água passava por canos estreitos e incrustados de terra, alguns com um pouco de ar, outros não. A água que corria lentamente ao nosso redor também estava imunda, entupida com todo tipo de lixo.

Finalmente, chegamos a uma grade enferrujada que estava torta.

- Grande fôlego - disse Reb. - Faz muito tempo que não há ar. Nade em busca da luz.

Ele mergulhou na abertura estreita e manobrou seu corpo esbelto para passar pela grade. Olhei para a lacuna com desconfiança. *Seríamos capazes de seguir?*

- Dobre um pouco mais as barras - sugeriu Will. Então ela acrescentou com um sorriso - *garota Truefire.*

Ela estava certa. Balancei a cabeça e a água começou a ferver em torno das hastes de metal, ficando vermelha como o fio de uma torradeira antiga. Usar fogo na água não é fácil, e eu estava ofegante de tensão antes de terminar. Finalmente consegui agarrar a grelha e dobrá-la enquanto o ferro ainda estava macio.

- Bom trabalho - disse Irma.

- Obrigado - eu disse. - E agora é a sua vez de

novo, Irma. Nem mesmo uma grande bolha será suficiente para nos ajudar a superar isso.

- Vou nos manter respirando - ela prometeu.

- Vamos - disse Will. - É melhor acabar logo com isso. Não gosto deste lugar, mas acho que vou odiar ainda mais o próximo.

Nada mais a ser dito, nada mais a ser feito. Sabendo que não seria suficiente, respirei fundo e mergulhei na brecha.

🔥🔥🔥

A luz para a qual nos dirigíamos era, a princípio, um mero ponto, fácil de passar despercebido.

Quando irrompemos do outro lado, Reb já havia conseguido afastar a grade. Com um giro e um movimento escorregadio, ele passou pelo buraco e entrou na sala acima. Seguimos e nos encontramos em uma sala de teto baixo, abarrotada de barris e redes. Felizmente, estava deserto.

Descansamos um pouco e depois nos dirigimos para o alçapão em uma das extremidades da sala.

- Sala de Cristal. Fique bem quieta agora - sibilou Reb. - Ou Spinies nos ouvirá.

Centímetro por centímetro, ele abriu o alçapão e depois passou por ele. Nós seguimos.

Cor. Luzes. Pessoas. Barulho. Foi um choque depois de tanto tempo na penumbra do caminho das águas escuras de Reb. O vasto salão estava lotado de sapos bamboleantes e Spinies, alguns portando o distintivo da coroa. Outros, aparentemente, eram apenas cidadãos comuns da Cidade dos Redemoinhos. Muitos tinham filhos a reboque. Um garotinho sapo gritava para a mãe que queria subir no escorregador outra vez. Todas as crianças seguravam esferas flutuantes de *Merefire* que balançavam nas pontas de cordas. As esferas lançavam um brilho verde doentio nos rostos de todos.

Estremeci. Havia alguma... coisa sobre o *Merefire* que parecia tão distorcida, tão completamente errada.

- Como eles podem usar isso como brinquedo? - Eu murmurei.

- Não é brinquedo - disse ele. - Sem Merefire, não há luz, não há calor para cozinhar. Todos vêm aqui para pegá-lo a cada trimestre, mesmo aqueles que são pequenos, ah, sim, porque trazer para casa é tarefa das crianças.

- Por que? - Perguntei.

Ele encolheu os ombros.

- Simplesmente é. É a festa da rainha.

- *Festa da Rainha*? - Irma perguntou.

Ele parecia completamente surpreso, como uma criança que encontra alguém que nunca ouviu falar do Natal.

- Você não tem festivais de rainha?

Todas nós balançamos a cabeça.

Mas Reb... - disse Will. - Por que você não está neste festival da rainha, então?

- Não quero participar da Festa da Rainha - disse ele, desafiadoramente. - Mas estava claro que ele desejava ser uma dessas crianças, carregando orgulhosamente para casa o suprimento de *Merefire* da família. Após uma pausa, ele acrescentou - Tenho que pagar impostos. Tem que dizer que você ama a rainha, ou não receberá nenhum. A mãe de Reb não faz isso. A mãe de Reb tem orgulho!

Obviamente, Reb tinha a quem puxar. Will deu um tapinha desajeitado no ombro dele.

- Tenos que ir - disse ele rapidamente, afastando a mão dela. - Tenho que ir ver a captura.

A captura. Meu irmão.

🔥🔥🔥

- Não deixe escapar desta vez - sussurrei para Irma. - Com todos esses Spinies por perto, estaremos em apuros se eles perceberem que não somos sapos!

- Tenha um pouco de fé - ela murmurou enquanto lutava para usar sua magia para protegê-la.

Despercebidas, abrimos caminho no meio da multidão, evitando todos os Spinies e em particular aqueles que usavam o distintivo da coroa. Havia várias placas dizendo: SALA DE EXPOSIÇÃO. A maior parte da multidão também estava indo naquela direção, e tivemos que ficar na fila pelo que pareceu uma eternidade antes de podermos passar.

No centro da sala havia um enorme tanque. Dentro do tanque havia um tubo de vidro, e dentro dele estava Peter, vestindo seu traje azul. Seus olhos estavam fechados e ele parecia estar dormindo.

Os Spinies se aglomeraram ao redor. Um deles desenhou uma garra lentamente pela lateral do tanque de vidro, fazendo um som estridente.

- Taranee, não! - sibilou Will, apertando minhas mãos. Foi só então que percebi que havia criado fogo em minhas mãos. Eu queria atear fogo em alguma coisa.

- Tire-a daqui - disse Irma - antes que alguém perceba.

O *que havia para notar*? Eu me perguntei, além do meu irmão, preso naquela coisa para os Spinies olharem como se ele fosse uma lagosta em um aquário de restaurante?

Vapor, aparentemente. Eu estava com tanto calor para conter o fogo que meu cabelo e minhas roupas molhados começaram a fumegar fora de controle.

Irma e Will me expulsaram da área. Reb seguiu, praticamente pulando alarmado.

- Não devo fazer fumaça - ele sibilou.

- Acalme-se, Taranee - disse Will com sua voz mais firme. - Não podemos fazer nada agora. Não com aquela multidão de Spinies lá dentro. - Ela se virou para Reb. - Esse lugar fecha?

Ele assentiu.

- Em breve. Mais uma hora, talvez duas.

- Certo - disse Will. - Faremos isso, então, Taranee.

- Nós vamos tirá-lo de lá, eu prometo! - Irma colocou um braço reconfortante em volta de mim. - Pelo menos ele está dormindo - disse ela. - Pelo menos ele não sabe.

Capítulo 9

Voltamos ao depósito para esperar a oportunidade certa. Eu não conseguia parar de pensar nos Spinies, em seus sorrisos com presas, e em Peter, dormindo indefeso. Reb abriu a escotilha umas duas vezes, mas a fechou rapidamente.

- Muitos Spinies - ele disse sombriamente. - Não é bom, ah, não.

Finalmente ficou quieto por um longo tempo. Não houve mais passos nem sons de caudas de Spiny se arrastando.

- Agora - eu disse, farta de esperar. - Vamos fazer agora.

Reb ainda hesitou.

- Garota - ele disse. - Por favor. Você pode fazer *Truefire*? Só um pouco. Só para me mostrar, assim será mais fácil ser corajoso.

Ele parecia muito assustado. Houve quase não havia mais verde em seu rosto e os seus olhos estavam arregalados.

Peguei um pedaço de corda desgastada do chão e fiz com que pegasse fogo. Estendi para ele na palma da mão em concha, um pequeno brilho na penumbra do espaço de armazenamento. Reb ofegou e depois estendeu a mão para pegá-lo.

Eu o parei.

- Não. Isso machucaria você.

Reb nunca tinha visto ou sentido fogo, percebi. A *rainha proibiu isso?*

Reb parecia confuso e desapontado.

- Garota, o fogo não machuca - ele disse.

- Eu tenho poder sobre o fogo - disse a ele. - Confie em mim, Reb, seria ruim se você tocasse nele.

Ele olhou para o fogo por um longo tempo.

- Reb pensou que isso só queimaria Spinies - disse ele finalmente.

- Não - eu disse. - Outras pessoas também.

- Rainhas? - ele perguntou.

- Talvez - respondi.

Ele sorriu e então começou a cantar. "*Truefire, Truefire, tudo queimando*", ele cantou suavemente. "*Queime os Spinies fora da cidade.*"

Os últimos fios da corda enrolaram-se em fios pretos e depois em cinzas. O fogo morreu.

- Podemos ir agora? - Eu disse.

Reb assentiu.

- Sim. Reb está todo corajoso agora, ah, sim.

Ele parecia muito pequeno para mim, sua cabeça apenas na altura do meu peito. Ele era um pequeno herói. O hematoma no peito era escuro e feio contra a pele pálida. Mas havia uma postura desafiadora em seus ombros caídos e um reflexo brilhante em seus olhos dourados, como se ainda guardassem um eco do fogo.

🔥🔥🔥

A sala de exibição estava vazia. Globos de *Merefire* iluminavam-no, mas agora estavam mais escuros. Os peixes no aquário se moviam mais lentamente e Peter ainda estava dormindo.

- Nós não podemos simplesmente quebrar o vidro? - Eu sussurrei. - Um pouco barulhento - murmurou Will. - Temos que abordar isso de cima, eu acho.

Não havia nenhuma maneira óbvia de fazer isso. Sem vigas úteis, sem lustres para balançar. O tubo branco que dava ar a Peter saía direto de um buraco no teto e, de qualquer forma, não tínhamos corda.

Então tive uma ideia.

- Irma - eu disse. - Peça à água do tanque para tirar o Peter.

Os olhos de Irma brilharam.

- Ok, gênio. *Um irmão, chegando!!*

Ela levantou as mãos. Imediatamente, a água começou a ferver e a ferver em torno do tubo de vidro enquanto subia lentamente até o topo do tanque. A água não parou por aí. Apoiado numa onda determinada, pela borda e caiu no chão ao nosso lado, em uma cascata de água. O vidro não quebrou. E Peter não deu sinais de acordar.

Fiquei tensa, pronto para lidar com qualquer Spinie atraído pelo barulho. Nenhum apareceu.

Will estava olhando para o tubo.

- Não parece muito quebrável - disse ela. - E não há tampa, dobradiças ou algo assim. Como abrimos?

- Com fogo - eu disse. - Vou derreter o vidro.

- Sem escaldar Peter? - Will perguntou.

Eu balancei a cabeça.

- Eu vou contê-lo. - Eu disse isso com mais certeza do que sentia, porque poucas coisas no mundo natural são mais quentes que o vidro derretido. Mas não vi outra maneira de tirar Peter de lá. Coloquei minhas mãos no local perto de seus pés e me concentrei.

O vidro ficou turvo por um momento e depois começou a brilhar e a borbulhar. Mas ele não derreteu como deveria. A caixa de vidro explodiu.

Fragmentos voaram por toda parte, letalmente afiados. De repente, ficou difícil respirar. Um fedor

terrível assaltou meu nariz e minha boca, pesado e nocivo. Eu vomitei, mas não proporcionou nenhum alívio. Minha cabeça ficou estranha e começou a cair. *Por que eu estava de joelhos*? Eu não tive tempo de sentar. Peter. *Peter estava bem? Eu precisava... eu precisava... de você, preciso de Hay Lin para soprar esse gás*, disse uma vozinha fria em minha cabeça. Mas Hay Lin não estava lá. Uma sirene soava em meus ouvidos e, de cima de nós, algo caiu: uma rede, uma teia de fogo puro. Acho que gritei.

Num piscar de olhos, a sala estava cheia de Spinies. E outra pessoa. A rainha.

O cabelo da rainha era branco prateado e longo o suficiente para enrolar na cintura. Uma coroa de diamantes repousava sobre sua cabeça, era cravejada de pedras verdes. E o vestido que abraçava seu corpo esbelto era tecido inteiramente de *Merefire* esverdeado. *Como ela poderia suportar seu toque*? O filamento que cobria meus ombros e pescoço queimava minha pele como gelo seco, mas ela parecia não se afetar nem por isso nem pelo gás que lentamente se dissipava no ambiente.

- Então - ela disse, num tom de imensa satisfação. - O rato pegou o queijo. Estou muito satisfeito. Você quer lutar comigo, Guardião? Por favor, tente. Faz séculos que eu não me divirto tanto.

Eu tentei. Eu me esforcei para levantar uma mão.

Fogo, implorei silenciosamente. *Queima. Queime essa teia e queime aquele sorriso presunçoso do rosto dela!*

Uma chama fraca tremeluziu ao longo da ponta da minha mão por um momento, depois morreu. A rainha riu.

- Vejam? - ela disse aos Spinies reunidos ao nosso redor. - Isso é tudo que existe neste chamado *Truefire*. Nenhuma ameaça.

Um dos Spinies, de longe o maior que eu já tinha visto, olhou-nos especulativamente.

- Ataque? - ele perguntou.

- Não, Hallud, ainda não - respondeu a rainha. - Talvez um pouco. Depende de quão teimosas elas são. Veja, tenho uma pequena tarefa para elas fazerem. Oh, Hallud, você sabe há quanto tempo estou esperando por isso? - Ela sorriu calorosamente e por um momento pareceu uma jovem indo para sua primeira grande festa.

Então eu percebi. Esta era a própria feiticeira. Eu sabia disso com a mesma certeza com que conhecia o toque doloroso do *Merefire*.

- Querido Guardiã, - ela ronronou. - Que gentileza sua ter vindo.

Eu não aguentei. Se eu fosse um dragão, poderia ter cuspido fogo nela. Em vez disso, fechei os olhos e tentei fazer o cabelo dela pegar fogo.

Uma linha quente e fria de Merefire em uma bochecha me puniu pelo meu ataque mental. Então um pé espinhoso desceu sobre meu peito, com força suficiente para me deixar sem fôlego.

- Ressspeito - sibilou o Spiny chamado Hallud. - Ressspeito por sua Majessstade a rainha! - Ele recuou o punho para desferir um golpe, mas a rainha o deteve.

- Isso basta, Hallud - disse ela. Olhei para o cabelo dela. Quase não foi chamuscado. *O que estava acontecendo comigo? Eu deveria ter incendiado a sua peruca prateada.* Foi o gás? Eu não conseguia pensar direito, não conseguia me concentrar. Irma e Will pareciam igualmente atordoados, e Peter ainda estava caído no chão, inconsciente entre os cacos do tubo quebrado. O *Merefire* estava comendo minha pele como ácido.

Eu queria rolar de dor, mas isso só teria piorado as coisas.

- Leve-os para a câmara - disse a rainha. - É hora de começar.

Capítulo 10

Os Spinies colocaram redes Merefire ao nosso redor e começaram a nos levar para a câmara.

- Espere - eu disse. - Meu irmão...

- Tudo a seu tempo - disse a rainha. - Não se preocupe, Guardiã. Ele se juntará a você em breve!

Os Spinies nos apressaram, aparentemente eram imunes ao toque do *merefire* que ainda nos prendia. Não consegui pensar em nenhuma maneira de resistir a eles, mas quando percebi para onde eles estavam nos levando, a esperança e o medo explodiram em mim ao mesmo tempo. A câmara do turbilhão. Cornélia e Hay Lin. *Eles seriam capazes de nos ajudar? Teríamos uma chance de nos libertar?*

Sem chance. No chão arenoso da caverna, as minhas duas amigas já esperavam, amarrados como estávamos com fios do odioso *Merefire*.

- Você está bem? - disse Will.

Hay Lin baixou a cabeça.

- Tentamos lutar contra ela - disse ela. - Mas nós...

não pareceu funcionar direito. Talvez ela seja forte demais.

- Talvez nunca devêssemos ter chegado perto dela - disse Cornelia. - Talvez devêssemos ter concordado com um plano sensato, em vez de algumas de nós partirmos sozinhos.

- Você não queria vir! - Eu gritei.

- Você não queria que eu fizesse isso! - Cornélia respondeu.

- Eu nunca disse isso - respondi.

- Pare com isso - disse Will, parecendo exausto.

- Olha, apenas... pare de lutar, por favor - Will implorou.

Cornélia olhou para mim com o rosto pálido de raiva e medo. Eu olhei de volta. Então caí no chão, enquando tentava encontrar uma maneira de sentar que mantivesse o *Merefire* longe da minha pele. O que havia de errado conosco? Desde que chegamos a este lugar, foi como se não conseguíamos concordar nem nas coisas mais simples. E então eu congelei, fiquei sentada, completamente imóvel enquanto eu entendia o que tinha acontecido. Nossa luta não começou até chegarmos a este lugar. A luta começou no exato momento que o Coração se partiu.

- Will - eu sussurrei, quase com medo de expressar

meu pensamento. - Deixe-me ver o Coração por um momento.

Ela levantou a cabeça.

- Por que?

- Só... - comecei a explicar. - Apenas algo que quero verificar.

- Ainda está quebrado - Will sussurrou.

- Eu só gostaria de dar uma olhada - eu implorei. - Por favor, Will?

Ela encolheu os ombros e tirou o Coração.

Então ela ofegou.

- É pior! Taranee - ela gritou.

Will estava certa. A rachadura era mais longa, mais sombria, mais feia. Ele atravessou o cristal, dividindo o orbe em duas metades desiguais.

- Somos nós - eu disse. - Estamos partidos, porque o Coração está. É por isso que estamos brigando o tempo todo. É por isso que nada funciona tão bem como quando estamos juntos.

Will parecia como se ela mesma estivesse prestes a se partir ao meio.

- A culpa é minha - ela sussurrou - eu deveria cuidar do Coração.

- Não é culpa sua - disse Irma.

Quando olhei para Cornelia, ainda estava com raiva. Meu temperamento cresceu dentro de mim, como

um fogo queimando sem controle. Tentei controlar meus sentimentos.

Isso não está certo, isso não é real. Eu pensei. *Cornelia é uma das minhas cinco melhores amigas.*

Estendi minha mão para Cornélia.

- Sinto muito, e gostaria que fôssemos melhores amigas de novo. - eu disse, solenemente, de todo o coração.

Ela olhou para mim. Eu a surpreendi.

- Pense nisso - eu a encorajei. - Lembra-se do que o Oráculo disse? O desejo de um Guardião é uma força poderosa. Para o bem ou para o mal. Deseje-me o melhor, Cornélia. Cure o Coração.

- Você está maluca - disse Cornélia.

- Não, ela não está - disse Will de repente. - Você não consegue sentir? Não estamos inteiras. Estamos quebradas. Taranee está certa, podemos nos curar. Se quisermos.

- É um cristal - disse Cornelia. - Você não pode curar um cristal.

- Você sabe que não é apenas um cristal - disse Will. - Isso é...

- Quieto - sibilou Hay Lin. - Todos vocês. Ela está vindo!

A rainha entrou na câmara. Atrás dela veio Hallud, com Peter, que estava pendurado no ombro, ainda

inconsciente. A rainha estava sorrindo. Ao seu redor, *Merefire* girava e se enroscava em seus cabelos, em sua garganta, em torno de suas mãos. O turbilhão sombrio na bacia parecia girar mais rápido e mais frio na presença dela.

- Agora, - ela disse, brilhando de antecipação, - finalmente terei o meu lugar de direito. E você deve dá-lo para mim!

Eu não tinha ideia do que ela estava falando, mas dentro de mim, algo começou a tremer de medo. Ela parecia muito poderosa. Ela brilhava com o *Merefire* girando e girando.

- Traga-me a Guardiã - ela disse. Ela gesticulou em minha direção, e a maioria dos meus fios *Merefire* derreteu. Hallud jogou Peter no chão e agarrou meu braço.

- Ajoelhe-se - ele sibilou.

Eu não queria, mas tinha medo do que poderia acontecer com Peter, com todos nós, se não o fizesse.

Ela olhou para mim.

- Para o seu próprio bem - disse ela - espero que você seja um ótimo Guardiã. A tarefa que estabeleci para você não é para os fracos. Mas se você não a resolver, não terei mais utilidade para você ou o seu irmão. Fui clara?

Entorpecida, eu balancei a cabeça. Eu realmente acreditava que ela iria nos prejudicar.

- O que quer que eu faça? - Eu consegui dizer.

O sorriso dela se alargou.

- Quando cheguei aqui, não havia nada, apenas as pedras e o mar. Isso era tudo. Levei muito tempo para aprender a desenhar coisas para mim, através do turbilhão. Tudo aqui é meu. Até essas criaturas. - Ela gesticulou para os Spinies e para Reb. - Mesmo estes são meus. Se não fosse por mim, eles não exis tiriam.

- Não é verdade - disse Reb calmamente. Foi um sussurro muito baixo e desafiador, mas deteve a rainha.

- O que você disse? - ela perguntou, voltando seu olhar ameaçador para Reb. - Você se atreve a falar na minha presença?

Reb não estava olhando para ela. Ele estava olhando diretamente para mim.

- *Garota truefire* - disse ele, com medo, mas com um orgulho teimoso. - Nós não somos dela.

- Se não fosse por mim, você ainda estaria pulando, coaxando e caçando moscas! - a rainha latiu.

- Nós não somos dela - repetiu Reb calmamente. - Somos nosso próprio povo. Temos as nossas próprias vidas, nossas próprias histórias, nossos próprios sonhos. Fizemos esta Cidade dos Redemoinhos, tanto

quanto ela. Mas ela ficou com medo de que nos tornássemos desobedientes, então ela trouxe os Spinies, e os soltou sobre nós. Desde então, vivemos com medo. Eles são fortes e implacáveis, e nós somos mais fracos e tímidos. A coragem não é fácil para nossa espécie.

A rainha enviou um raio de Merefire na direção de Reb. Acertou-o bem no meio do peito machucado e ele foi jogado de volta contra a parede da caverna. Ele deslizou para o chão e ficou imóvel.

Eu levantei as mãos sem nem pensar nisso. Mas o círculo giratório na minha garganta apertado como um laço, de modo que por alguns longos momentos não consegui nem respirar.

- Cuidado, Guardiã - sibilou a rainha. - Eu sou mais forte do que você.

Ela estava certa. Ela era forte. No entanto, ela inicialmente adquiriu sua magia, ela tinha muito mais agora. Talvez, se eu tivesse passado alguns séculos meditando e acumulando poder, eu seria igualmente forte.

- Se você é tão forte - eu resmunguei dolorosamente, a corda de *Merefire* ainda apertada em volta da minha garganta, - por que você precisa de mim?

Isso não a agradou. Por um momento, a corda apertou ainda mais e a escuridão começou a tomar

conta de mim. Quando o ar e a luz voltaram, eu estava de joelhos na areia ao lado de Peter.

- Há uma coisinha - disse a rainha. - Essa coisinha eu não posso fazer. Veja, eu posso atrair coisas através do turbilhão. Mas por mais que eu tenha tentado, não consegui passar de volta através dele. Então essa é sua tarefa, Guardiã: mande-me de volta. Você e seus amigos podem ficar aqui e estragar os sapos o quanto quiserem.

Capítulo 11

- Eu... eu preciso das minhas amigas - eu disse à rainha, ganhando mais tempo. - Eu não posso fazer isso sozinha.

- Você as tem - ela rosnou. - Elas estão aqui.

- Não, quero dizer, comigo - Eu disse. - Precisamos ser capazes de nos tocar.

A rainha pareceu desconfiada, mas depois assentiu. Com um movimento rápido de sua mão, ela libertou as outras da maior parte de suas amarras, deixando-as apenas com coleiras de *Merefire* como a minha.

- Como vamos fazer isso? - perguntei, procurando desesperadamente em seus rostos alguma resposta, alguma saída para isso.

- Não podemos - sussurrou Hay Lin freneticamente, tentando não deixar a rainha ouvi-la. - Não podemos permitir que aquele... aquele monstro distorcido volte ao nosso universo.

- Se não o fizermos, ela.. - começou Cornelia, mas Will a interrompeu.

- Espere - Will disse. - Acho que deveríamos fazer o que ela quer.

- O que? - Fiquei surpresa. - Will, você não pode estar falando sério!

- É a única saída - disse Will, com uma ênfase peculiar. - Lembra-se? "*Confie no seu coração, e um erro antigo pode ser corrigido.*"

Ela estava citando a fala do Oráculo, eu percebi. E uma pequena luz surgiu em meu cérebro. Se Will estivesse certa... e se pudéssemos de algum forma desfazer o redemoinho e nos reconectarmos com o resto do universo...

- E se você estiver errada? - Eu sussurrei, mal ousando dizer as palavras.

Will apenas olhou para mim. Seu rosto ainda estava pálido, mas ela parecia melhor do que nunca desde que o Coração se partiu.

- Confie em mim - disse ela. - Deseje-me boa sorte. Cure o coração.

E ela trouxe o Coração para a palma da mão.

- O que você está fazendo? - perguntou a rainha, erguendo a mão ameaçadoramente. - Não tente nada sorrateiro. Você só vai se arrepender.

- Você não quer voltar? - disse Will, inocentemente. - O Coração pode enviar você. É a única coisa que pode. Você tem que confiar em mim.

A contragosto, a Rainha assentiu.

- Faça isso, então - disse ela. - Já esperei bastante.

Will olhou para cada um de nós.

- Agora - ela disse. - Você também, Cornélia.

Cornélia hesitou por um longo momento.

- Tudo bem - ela finalmente disse. - Vamos tentar.

Will estendeu o coração partido. Foi doloroso olhar para o orbe fraturado e rapidamente coloquei minha mão em cima da de Will, escondendo a falha. "*Quando olharmos para ele novamente* - disse a mim mesma com firmeza - *ele será lindo, brilhante e inteiro novamente* - Hay Lin juntou sua mão à minha.

- Agora você - disse Irma a Cornélia. - E eu irei por último.

A mão de Cornelia pousou em cima da de Hay Lin. Irma foi seguida. E todas nós fechamos os olhos e desejamos, com todas as nossas forças. Eu queria ser inteira. Eu não queria brigar o tempo todo. Queria que todos nós estivéssemos bem e seguros, incluindo Reb e Peter.

No início, nada aconteceu. Então um calor suave começou a vazar do cristal para nossas mãos, um calor pulsante, como um batimento cardíaco, lento e hesitante no início, depois cada vez mais forte. A força dos elementos passou por todas nós. *Água. Fogo. Ar. Terra. E a Energia.*

A luz branca inundou a câmara, abafando o brilho verde do *Merefire*. Dos guardas Spiny veio um grito de surpresa e a rainha deu um passo cambaleante para trás.

- Guarde isso - ela gritou para mim. - Apague isso, ou vou garantir que você nunca mais veja seu irmão!

- Você queria voltar - disse Will. - Seu desejo está prestes a se tornar realidade.

O Coração estava inteiro. Eu podia ver e sentir. E Will voltou a ser ela mesma, forte e confiante.

- Agora - disse Will - desta vez faremos diferente. Desta vez desmontaremos esta coisa. - Ela acenou com a cabeça para o turbilhão. - Taranee, aquilo tem o fogo. Pegue-o de volta. Irma, o portal também tem a água. Você entendeu? Destorça-o. Torne o elemento puro de novo.

"Se *ao menos* - pensei - *eu pudesse fazer com que esse tipo de fogo lembrasse o que o fogo deveria ser: limpo, quente e impaciente, e não alguma coisa turva, verde e não natural.*"

Lentamente, deixei minha mão afundar no turbilhão. "*Venha* - gritei para o fogo preso. - *Pode vir. Vou te mostrar como queimar*". Minha mão doía, mas continuei. Eu podia sentir Will me dando força. Eu podia sentir Hay Lin, Cornelia e Irma ocupados com suas próprias tarefas difíceis.

O redemoinho começou a tremeluzir, incerto. O mesmo aconteceu com as correntes do *Merefire* que nos prendiam. "*Estamos conseguindo* - pensei. - *Estamos realmente fazendo isso!*" Pequenas chamas de fogo de verdade lambiam minhas mãos agora. Depois do *Merefire*, foi como ser tocada por uma amiga. Do lado da bacia onde estava Irma, subia vapor da água turbulenta.

- Não! - gritou a rainha furiosamente. - Não é assim! Hallud, pare-os!

Mas o grande guarda ficou paralisado, olhando para o fogo que subia pelos meus braços. Então a rainha correu até nós, gritando. Ela parecia diferente, notei vagamente. Menor. Mais fraca. Menos brilhante.

A mão de Will disparou e agarrou a rainha pelo pulso.

- Agora! - ela chamou. - Para o turbilhão. Todos!

Nós? Mas e Peter? Reb? Não houve tempo para hesitar.

- Confie em mim - Will disse. E eu fiz.

Apenas tocar no turbilhão doeu. Isso estava além da dor. Branco. Preto. Verde. Queimando frio. Calor congelante. Fogo escuro, velho, preso e corrompido. Água contaminada e deformada.

Eu ouvi a voz de Will.

- Não lute contra isso - disse Will. - Basta mostrar

como ser livre.

O fogo foi distorcido e preso por séculos. Queria queimar limpo. E eu mostrei como a Cidade dos Redemoinhos nunca mais seria a mesma.

🔥🔥🔥

Houve silêncio. Além das minhas pálpebras fechadas, havia luz. Gentilmente eu flutuei. Eu poderia ter ficado assim por muito tempo, apenas saboreando a paz, a correção de tudo isso.

- Taranee.

Relutantemente, eu abri os olhos. Um vasto salão com pilares. Um espaço tão grande que parecia quase infinito. E no meio disso, o Oráculo. Ele estava sorrindo.

- Bem-vinda - disse o Oráculo.

- Obrigado - murmurei, me perguntando se haveria uma maneira educada de perguntar se eu ainda estava viva. Então notei os outros. Will, Irma, Cornelia e Hay Lin. A rainha e até Peter, que ainda estava inconsciente, estavam lá.

A rainha não parecia mais real ou poderosa. Todos os vestígios de *Merefire* desapareceram. Em vez do vestido brilhante, ela usava uma camisa simples de linho. Seu cabelo era ralo e desgrenhado e, embora seu

rosto ainda não tivesse rugas, sua pele parecia sem vida e branca como papel. Mas o mais marcante foi o seu poder, ou melhor, a falta dele. Todo o brilho tinha perdido. O que restou foi... o que o Oráculo disse? Era uma jovem com um toque de magia.

Olhei para Will.

- Você sabia? - Perguntei. - Você sabia que se a trouxéssemos de volta ao mundo real, ela perderia seus poderes?

Will sorriu levemente.

- Eu esperava que sim. Confiei em meu coração, como o Oráculo nos disse para fazer.

- Você fez bem - decretou o Oráculo. - Vocês são realmente dignas Guardiãs.

- Obrigada - eu disse novamente, inclinando ligeiramente a cabeça. - Hum... está tudo bem agora?

O Oráculo assentiu e depois explicou.

- O que estava preso foi libertado. O que estava distorcido foi consertado. A feiticeira enfrentará o julgamento da Congregação e você poderá retornar ao seu mundo com seu irmão.

Fiquei aliviada, mas tinha outra preocupação.

- E quanto a Reb? - Perguntei. - E o povo dele? E os Spinies?

- O destino de qualquer mundo pertence ao seu povo - disse o Oráculo.

- Mas você pode vê-los agora? - Pedi ao Oráculo que nos contasse. - Essas criaturas ainda estão aí?

- Eu os vejo - confirmou o Oráculo. - O mundo deles é novamente parte do meu infinito. Mas não há mais uma passagem do seu mundo para o deles.

- Não posso pelo menos dizer adeus? - Perguntei. - Eu nem sei se Reb está bem. - Ele havia batido contra aquela parede com muita força para alguém tão pequeno.

- Muito bem - disse o Oráculo. - Mas não demore.

Capítulo 12

Encontrei Reb sentado numa pedra, observando o nascer do sol. Ele parecia cansado e machucado, mas, fora isso, estava bem.

- Você queimou a rainha? - ele perguntou.

- Hum... não exatamente. Mas ela se foi. Ela não vai incomodar você de novo. - Sentei-me ao lado dele na rocha.

Ele assentiu e deu um suspiro de satisfação. Então ele franziu a testa.

- Mas os spinies ainda estão aqui.

- Este é o mundo deles agora também - eu disse a ele. - Você terá que resolver alguma coisa.

- *Hummm*!? - Ele parecia duvidoso.

- Reb - eu disse. - Só vim me despedir.

Ele olhou para mim de lado.

- Menina não pode ir - disse ele. - Preciso de você.

Balancei a cabeça e as contas em minhas tranças emitiram um clique.

- Eu não posso ficar. Eu não pertenço aqui. E eu

preciso ir para casa.

Reb desviou o olhar.

- Mas a garota é a única que pode fazer essa magia. Precisamos disso. Precisamos do *Truefire*.

Eu entendi a situação de Reb. E de repente percebi que tinha o poder de ajudá-lo.

- Quem disse que sou a única que pode fazer essa magia? - Eu disse. - Reb, dê-me alguns desses juncos secos, por favor. E leve-os. - Tirei meus óculos e entreguei a ele. - Olha, segure-os assim. - Eu posicionei meus óculos de forma que o sol brilhasse diretamente sobre as lentes. - Aquela pequena mancha solar branca ali, mantenha-a nos juncos. E espere.

Demorou um pouco. Talvez até um pouco mais do que teria acontecido em casa. Mas depois de um tempo os juncos começaram a escurecer. E de repente, uma pequena chama brilhante saltou.

Reb levantou-se de um salto.

- Olhe! Eu fiz *Truefire*!

Eu sorri.

- Sim, você fez.

- Aqueles Spinies não ousarão mexer com Reb agora. ah, não! Reb pode fazer *Truefire*, igual menina! - Então, de repente, ele parou de andar. - Mas óculos *Truefire* são seus -disse ele.

- Fique com eles - eu disse. Minha mãe me repre-

enderia. Pelo menos, ela faria isso quando passasse a alegria de ter Peter de volta em casa.

- Eu realmente preciso ir agora - eu disse, levantando-me. Dei um abraço cuidadoso e úmido em Reb. Ele se agarrou a mim por um momento.

- Não quero que você vá - disse ele.

- Você tem o *Truefire* agora - eu disse. - Você terá que ser responsável. O fogo também pode ser perigoso.

- Eu sei - disse ele, e me deu um aperto forte.

Ele me soltou lentamente e me observou descer as escadas. Quando tive certeza de que ele não conseguia me ouvir. Limpei a garganta.

- Hum, estou pronta para ir para casa agora - eu disse ao Oráculo invisível, sem saber como chegaria lá.

🔥🔥🔥

O resto é praticamente um borrão, literalmente. Eu realmente não enxergo muito bem sem meus óculos. O Oráculo me trouxe de volta para os outros e depois nos devolveu à Ilha Heartbreak.

- Adeus por enquanto, Guardiãs - o Oráculo disse. - Permaneçam fiéis ao Coração.

No barco, voltando para Pleasance, Peter finalmente começou a acordar. Ele parecia muito confuso.

- Taranee? - ele disse. - Onde estou?

- No caminho para casa - eu disse.

- Minha cabeça - ele gemeu. - O que aconteceu?

- Acidente de windsurf - expliquei.

- Mas você... mas como... - ele começou a perguntar.

- *Shhh*, - eu disse. - Acho que você bateu a cabeça ou algo assim. Provavelmente não deveria estar falando.

- Tive sonhos muito estranhos. Eles eram tão vívidos. Acho que você estava lá. E... e sapos, entre todas as coisas. Estranho, eu te digo.

- Sonhos são estranhos - eu disse a ele, tentando manter uma cara séria.

Ele conseguiu dar um pequeno sorriso.

- Mas foi justo, não é? Por ter te deixado no portão do estádio naquela noite.

- Não, não importa - eu disse. - Você não merecia isso. Eu nunca te desejei mal. Nunca. - Ele pareceu surpreso. - Fácil. Nunca pensei que você tivesse feito isso.

- Bom - eu disse, piscando para afastar algumas lágrimas. - Porque eu não fiz isso. Eu te amo e nunca mais quero perder você.

- Uau - ele disse. - O que causou isso? - Então ele suavizou. - Eu também te amo. E na próxima semana iremos ver os Hawks juntos. Eu prometo.

Seus olhos começaram a se fechar novamente e ele dormiu o resto do caminho de volta para Pleasance. Segurei sua mão, tão feliz por tê-lo de volta que fez meu peito doer. Will me deu um pequeno sorriso.

Olhei para Hay Lin e Irma, que estavam ocupados trabalhando no ar e na água para manter nosso barco em movimento, e para Cornelia, que estava sentada ao lado de Will. Foi tão bom ter o Coração inteiro novamente, ter-nos inteiras. Quando o Coração foi partido, foi o pior tipo de desgosto. Agora, com o cristal inteiro, nós - as W.I.T.C.H. - estávamos inteiros novamente. Uma verdadeira equipe. E essa foi uma sensação de arrebentar!!!

Créditos: Capa e contracapa
http://winx-e-witch.blogspot.com/2015/07/capa-e-contracapa-da-colecao-de-livros.html

Ela ficou completamente imóvel e depois pareceu se engasgar.

— Will? O que você tem?

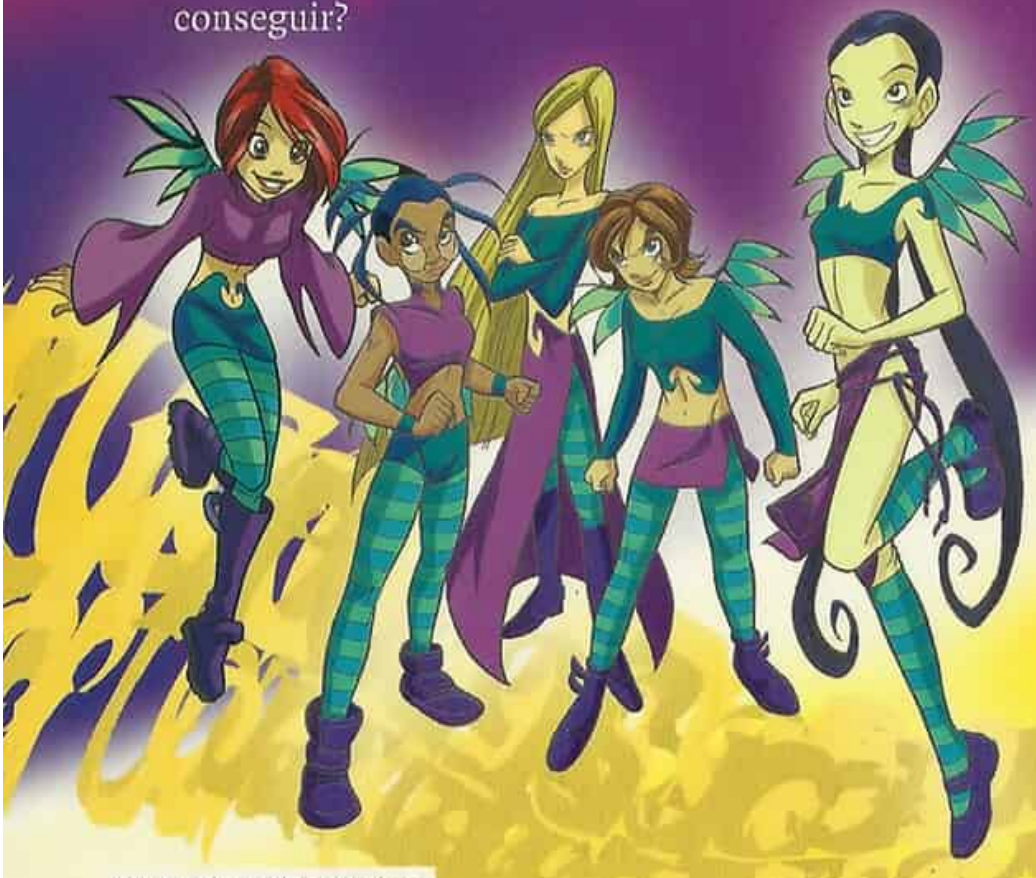
Ela ainda não conseguia falar. Hay Lin, então, apontou para o Coração, que havia caído da mão trêmula de Will e estava na areia.

— Olhem!

O Coração de Kandrakar não era mais aquela esfera perfeita de luz clara e pulsante. Bem no seu centro, havia agora uma mancha verde escura, como se fosse uma trinca em um prato de porcelana.

— Olhem — sussurrou Hay Lin mais uma vez. — O Coração se quebrou.

Quem nunca teve uma briguinha sequer com um irmão que levante a mão. OK, OK. Pode baixar a sua e abrir este livro. Você vai entrar num mundo impressionantemente mágico, onde Taranee e suas amigas WITCH precisarão salvar seu irmão de uma maldição que começou numa briguinha entre eles. Porém, desta vez, as bruxinhas terão que enfrentar o Mal na Cidade dos Redemoinhos sem a sua maior arma: a união WITCH. Será que elas vão conseguir?



ISBN 85-360-0834-2

9 788536 008349

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento Edelbra: 54 520 5030

edelbra